

PROPINA MÁXIMA AGUARDA APROVAÇÃO DO TRIBUNAL

Direcção-geral não vai pedir demissão do reitor na Magna de quinta-feira

Num final de ano lectivo conturbado, a academia de Coimbra vai reunir quinta-feira em Assembleia Magna. O objectivo é discutir a recente votação do valor da propina para 2004/2005 levada a cabo pelo Senado Universitário e que acabou por aprovar o valor

máximo previsto na lei. A votação foi feita por correspondência - um acto que a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra considera ilegal, uma vez que o Tribunal Administrativo e Fiscal de Coimbra tinha já suspendido a votação, em virtude de

uma providência cautelar intentada pela direcção-geral. O escrutínio foi feito terça-feira, numa situação de grande tensão, com um grupo de cerca de 60 estudantes a invadirem a reitoria e a exigirem uma explicação. Seabra Santos acabou por vir falar pessoalmente com

os protestantes no final dessa tarde. Agora, tanto alunos como o reitor afirmam que resta esperar pela decisão do tribunal quanto à validade do processo de votação. Amanhã, o senado reúne, mas a questão da propina não está na ordem de trabalhos. PÁGS. 5

DANIEL SEQUEIRA



SEABRA SANTOS ACUSA ESTUDANTES DE INVASÃO “ILEGÍTIMA E ILEGAL” DA REITORIA

Em entrevista ao jornal Universitário de Coimbra - A CABRA, o reitor da Universidade de Coimbra (UC) condena a atitude dos estudantes durante o escrutínio da vota-

ção do valor da propina. Seabra Santos considera que o processo foi não só “eticamente legítimo”, como também “exigível nas actuais circunstâncias”. É com desa-

grado que o catedrático de Engenharia Civil vê “um grupo muito radicalizado, felizmente pequeno, de estudantes” – que sublinha não confundir com a Direcção-Geral

da Associação Académica de Coimbra - adoptar posições que podem levar à redução das possibilidades de diálogo entre estudantes e reitor. PÁGS. 2 e 3

Parque Mondego

As já chamadas “docas” de Coimbra oferecem um espaço de diversão e descontração. PÁGS. 10 E 11

Entrevista

O novo presidente da Metro Mondego mostra-se confiante e afirma que o projecto não está atrasado. PÁGS. 7

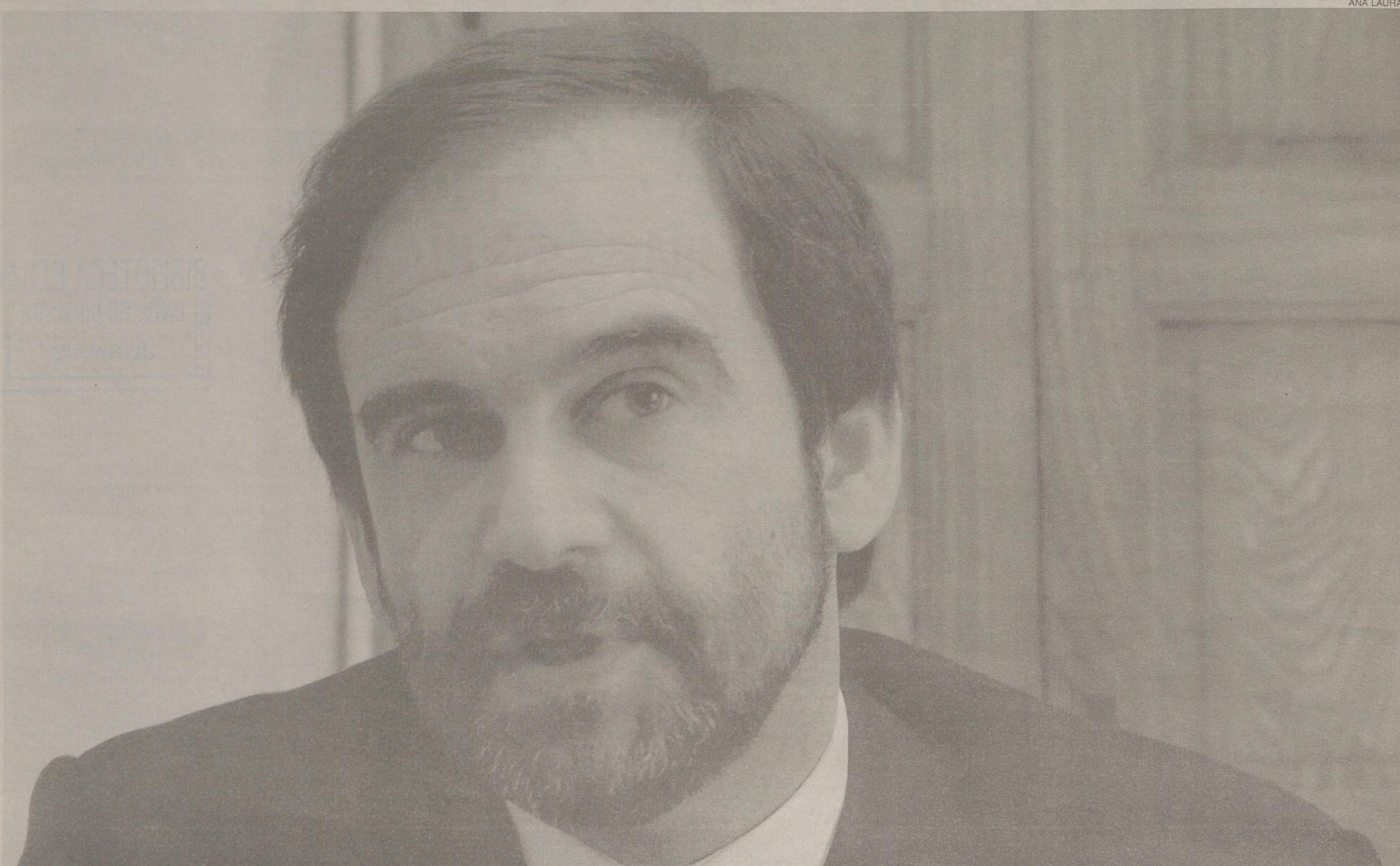
SUMÁRIO

Destaque	2	Internacional	12
Opinião	4	Ciência	13
Academia	5	Desporto	14
Universidade	6	Cultura	15
Cidade	7	Artes Feitas	16
Nacional	8	Agenda	18
Reportagem	10	Vinte&três	19

Nós vamos lá estar

ASSEMBLEIA MAGNA 1 de Julho

acabra.net



"Os estudantes que se apresentaram na reitoria queriam impedir o escrutínio. Alguém de bom senso me poderá criticar por eu ter evitado mais esse atropelo à legalidade?", defende Seabra Santos, reitor da UC

“Os estudantes queriam impedir o escrutínio”

Reitor considera que a invasão da reitoria pelos estudantes “foi uma atitude ilegítima, ilegal e anti-democrática”

Em entrevista por e-mail, o reitor da Universidade de Coimbra afirma que “quem não concorda com este tipo de votação, apenas tem que se abster de invadir o senado, permitindo que a votação se concretize da forma habitual”

Emanuel Graça

Após os conturbados episódios de quarta-feira, que culminaram na invasão da reitoria por parte dos estudantes, considerando ilegal o escrutínio dos votos (ver página 5), o reitor da Universidade de Coimbra (UC) vem, na primeira pessoa, explicar a sua visão de todo o processo. Segundo Seabra Santos, em entrevista por e-mail ao Jornal Universitário de Coimbra, o procedimento que adoptou “é não só éticamente legítimo, como até exigível nas actuais circunstâncias”. Na opinião do reitor, “o escrutínio dos votos foi apenas a conclusão de um processo legítimo e legal de apuramento

da vontade maioritária do senado democraticamente expressa, nos exactos termos e com a fundamentação atempadamente comunicada ao tribunal e à Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC)”.

O catedrático aproveita ainda para criticar uma parte do movimento estudantil, considerando que “é extremamente preocupante que um grupo muito radicalizado, felizmente pequeno, de estudantes” (o qual afirma não confundir com a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra), “procure montar sucessivas provocações

que têm uma única consequência: reduzir os canais de diálogo e tentar inviabilizar soluções exclusivamente universitárias”.

Apesar da providência cautelar imposta pelo Tribunal Administrativo e Fiscal de Coimbra (TAF) ter decretado a suspensão provisória da eficácia da votação por correspon-

dência, a equipa reitoral decidiu proceder ao escrutínio dos votos recebidos. Porquê?

A pergunta parte de pressupostos errados. Com efeito, a) não é verdade que o escrutínio tenha sido feito por correspondência; b) não é verdade que a votação tenha sido suspensa; c) a única decisão concreta do tribunal até ao momento foi a de “indefeir o pedido de decretamento provisório das provisões requeridas”.

Mesmo para especialistas o processo é complexo. O que temos a fazer é deixar que os juristas discutam o assunto e que o tribunal o decida em tempo útil. O pior serviço que alguém pode prestar neste momento é confundir os seus desejos com a realidade, tirar conclusões precipitadas a partir de interpretações apressadas do despacho da senhora juíza. O escrutínio dos votos foi apenas a conclusão de um processo legítimo e legal de apuramento

da vontade maioritária do senado de-

mocraticamente expressa, nos exactos termos e com a fundamentação atempadamente comunicada ao tribunal e à Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC). Tendo sido recebido um número significativo de votos, superior ao quórum do senado (o que significa também que a maioria dos membros decidiu participar neste processo de apuramento, legitimando-o politicamente), e não havendo nenhum impedimento de ordem legal, não poderia ser outra a decisão do presidente do senado senão levá-lo até ao fim. Mas quem não concorda com este tipo de votação, apenas tem que se abster de invadir o senado, permitindo que a votação se concretize da forma habitual.

Porque é que não foi revelado aos estudantes senadores o local onde se iria proceder ao escrutínio?

O escrutínio foi feito, como desde o início estava previsto, pela Mesa do Senado Universitário devidamente convocada para esse fim. Todos os membros da mesa receberam a respetiva convocatória e a todos os que quiseram participar no escrutínio foi comunicado o local da sua realização, em instalações da reitoria. Estiveram presentes quatro dos seus cinco membros. Por três vezes, a última das quais imediatamente antes do início do es-

crutínio, perguntei ao Miguel Duarte, presidente da DG/AAC, se ele desejava participar nos trabalhos e das três vezes ele disse que não. Apesar disso, dei instruções para que o conduzisse ao local do escrutínio se ele mudasse de opinião. Sejamos claros, os estudantes que se apresentaram na reitoria queriam impedir o escrutínio. Alguém de bom senso me poderá criticar por eu ter evitado mais esse atropelo à legalidade?

“Não” à solução de chamar a polícia

Como classifica a atitude dos estudantes de invadirem a Sala das Congregações, na reitoria, após terem tido conhecimento de que o escrutínio estava a ser realizado em local que alegadamente não lhes foi revelado, e não na reitoria, como lhes tinha sido comunicado?

Como já disse no próprio dia, foi uma atitude ilegítima, ilegal e anti-democrática. Não é verdade que os actos ilegais praticados nesse dia tenham resultado de um impulso do momento. Infelizmente, aqueles estudantes dirigiram-se à reitoria na sequência de uma decisão tomada na véspera, com o intuito de impedir o apuramento do resultado da votação, e ficaram muito zangados quando, no local, verifica-

ram que não conseguiram concretizar os seus objectivos. Durante o dia ouviram-se, por diversas vezes, frases como "só saímos daqui quando a polícia nos tirar de cá". Aliás, na providência cautelar requerida pela DG/AAC, também se pode ler, espante-se, que para permitir o apuramento dos votos do senado, o reitor não devia ter invocado o conceito de estado de necessidade uma vez que "sempre este terá à sua disposição as forças de ordem pública, basta que, para tal as solicite". É extremamente preocupante que um grupo muito radicalizado, felizmente pequeno, de estudantes, com o qual eu não confundo a DG/AAC, não só não respeite a minha intenção de não recorrer à polícia, como ainda procure montar sucessivas provocações que têm uma única consequência: reduzir os canais de diálogo e tentar inviabilizar soluções exclusivamente universitárias. Tenho a convicção de que, ao resolver o problema sem recurso à polícia, estou a interpretar o desejo da maioria esmagadora da comunidade universitária.

Considera que não houve deslealdade da equipa reitoral neste processo?

Considero ser uma completa inversão de valores, que alguém possa falar em falta de lealdade do reitor neste processo. No dia 1 de Outubro de 2003, os estudantes membros do senado inviabilizaram a votação das propinas ao abandonar a reunião, deixando-a sem quórum. No dia 7 de Outubro do mesmo ano, ao perceber que uma atitude idêntica deixaria o senado com capacidade deliberativa, promoveram uma invasão da sala, impedindo de novo a votação. No dia 5 de Novembro, depois de terem decidido em magna uma nova invasão, ficaram muito zangados com o presidente do senado por ele ter permitido que a maioria apurasse a sua vontade democrática, no mais rigoroso respeito pelas regras de condução das assembleias, enquanto eles estavam a discutir, na sala ao lado, a forma de concretizar a invasão. A invasão do dia 2 de Junho de 2004 é, portanto, apenas mais um momento de uma já longa série de lamentáveis episódios. Será que não compreendem a sobranceria desta sua atitude, a falta de consideração e de respeito que o seu comportamento representa para com os restantes membros do senado? Será que não entendem que a sua opinião e o seu

"Tenho a convicção de que, ao resolver o problema sem recurso à polícia, estou a interpretar o desejo da maioria esmagadora da comunidade universitária"

voto não podem ter mais peso do que o de qualquer outro membro do senado e que a capacidade de contemporização dos outros vai diminuindo à medida que estes episódios se sucedem? Mesmo que eles não compreendam esta realidade, o reitor não pode deixar de a compreender. Para o reitor, todos os membros do senado têm a mesma dignidade institucional e nenhum deles pode impor aos outros a sua opinião pela força ou, o que vai dar ao mesmo, impedir o órgão de apurar livremente o seu sentido de voto maioritário.

Não existem muitas universidades no mundo, se é que existe alguma, em que a representação dos estudantes seja tão significativa como em Coimbra. Ao reclamar o direito de voto – por que é disso que se trata – temo que



Seabra Santos critica a invasão da reitoria da passada quarta-feira, afirmando que esta é fruto de um grupo radical de estudantes

elas estejam a dar fortíssimos argumentos a quem os quer ver pura e simplesmente fora dos órgãos de governo. Pelo meu lado, a atitude determinada de chegar até ao apuramento da votação, seja qual for o resultado – que agora perguntam se não será desleal para com os estudantes – também é uma maneira de defender a participação dos estudantes no governo das universidades, mostrando que essa participação não impede o seu normal funcionamento.

Entenda-se de uma vez que a lealdade do reitor não pode ser só para com os estudantes, tem que ser para com toda a comunidade universitária. E que quando alguns estudantes desrespeitam os restantes membros da comunidade, o reitor não os pode acompanhar. Neste processo, o défice de lealdade não está, seguramente, do lado da reitoria ou do reitor.

Processo "eticamente legítimo"

Mesmo que o TAF venha a comprovar a legalidade de todo o processo, considera que este é moralmente válido?

Pelas razões já expostas, considero que o processo é não só eticamente legítimo como até exigível nas actuais circunstâncias. O reitor tem o dever estatutário de assegurar o funcionamento da universidade e portanto, de proporcionar aos órgãos de governo as condições necessárias ao apuramento das suas decisões. Porque me bati pe-

la gestão democrática e participada da universidade, porque acredito no funcionamento dos órgãos colegiais, levo muito a sério esta responsabilidade e tudo farei, no respeito da lei e do direito, para cumprir este meu dever.

Não teme que este episódio venha a abrir maiores cisões no seio da comunidade universitária de Coimbra?

Os Estatutos da UC são um documento no qual todos nos devemos rever. Assim sendo, não pode haver cisões que decorram do cumprimento dos estatutos.

A invasão do senado por parte dos estudantes para impedir este órgão de deliberar acerca do valor da propina a ser praticado na UC foi um acto desrespeitado?

Desespero é uma palavra muito forte, mas a invasão do senado é uma atitude politicamente incompreensível para um corpo cuja permanência nesse órgão depende, em sede de revisão de estatutos, do respeito e simpatia que a qualidade do seu trabalho saiba inspirar nos outros

corpos. Os fins não justificam os meios e a razão que pudesse assistir a quem não concorda com a proposta que, nos termos da lei, me compete apresentar, é desbaratada quando se utilizam métodos de uma grande violência psicológica e física, tentando impor aos outros a nossa própria verdade. Espero com toda a sinceridade que seja ainda tempo de corrigir o erro.

ro.

Todo o historial do problema das propinas, desde o tempo do "Não pagamos", revela uma atitude muito forte dos estudantes nesta matéria, sobretudo em Coimbra. Sendo eles os prejudicados com a medida, é compreensível que um número significativo não concorde com ela e que não compreenda as razões de um reitor que, sendo contra e tendo combatido o aumento das propinas, se vê na contingência de propor a máxima. Os motivos dessa posição, que têm a ver com a situação criada pelo actual quadro legislativo, foram já detalhadamente apresentados no órgão próprio, o senado, e poderão voltar a sê-lo para um público mais alargado numa próxima oportunidade.

O problema não pode, no entanto, ser limitado a uma simples contenda entre estudantes e reitor. A questão de fundo é que os estudantes não têm sido capazes de olhar para além das propinas, coisa que o reitor não pode deixar de fazer. É minha convicção de que estou a interpretar o interesse da universidade no seu conjunto. Não de um corpo, mas de um

tempo. Esta convicção foi, aliás, já confortada pelo expressivo resultado das votações do senado de 5 de Novembro de 2003 e de 16 de Junho de 2004. Assim sendo, por muito legítimo que seja o desacordo dos estudantes, não é possível esconder que uma maioria muito significativa dos membros do senado é a favor da proposta que apresentei.

Reitor seguro

Seabra Santos, reitor da UC, não teme os desenvolvimentos futuros que podem advir do processo de votação das propinas. O reitor desafia mesmo os estudantes a "discutir e votar" já amanhã, na reunião de senado, o assunto. Isto ao mesmo tempo que se demonstra despreocupado com uma possível monção de censura à sua pessoa, que eventualmente possa sair da Assembleia Magna de quinta-feira.

Amanhã, há reunião de senado. Receia que o assunto das propinas possa vir novamente à tona, mesmo que não esteja na ordem de trabalhos?

Uma nova formulação que eu não compreendo. Nunca receei nem receio discutir nenhuma matéria universitária em senado. Em relação a este assunto em particular, já dei clara que tentei, por diversas vezes, discutir e votá-lo em senado e que foram os estudantes senadores, e não eu, que receberam levar essa discussão até ao fim. Na reunião de amanhã, dia 30 de Junho, o assunto não está agendado mas ficarei muito contente se os estudantes o quiserem discutir e votar. É um desafio que aqui fica.

No dia seguinte, os estudantes reúnem-se em Assembleia Magna. Alguns sectores da comunidade estudantil já falam em pedir a sua demissão. Caso isso seja aprovado, qual vai ser a sua atitude?

Seria, pelo menos, uma tremenda falta de imaginação. E não seria mais do que isso.

EDITORIAL

Democracia universitária

Numa altura em que todas as atenções estavam voltadas para o Campeonato Europeu de Futebol e para o desempenho da seleção nacional, a Universidade de Coimbra (UC) viveu mais um episódio agitado. A decisão do reitor da UC, Seabra Santos, de proceder ao escrutínio da votação por correspondência do valor da propina a ser praticado pela mais antiga instituição de ensino superior do país, esteve envolta em polémica.

“É preocupante que, em muitos casos, a actuação da DG/AAC, legitimamente eleita, seja condicionada por pequenos grupos que, apesar de terem uma capacidade de mobilização louvável, representam apenas franjas do universo estudantil”

Restam os estudantes... Mas quais? Como afirma Seabra Santos, “é extremamente preocupante que um grupo muito radicalizado, facilmente pequeno de estudantes”, tenha tomado grande parte das rédeas do movimento associativo. É preocupante que, em muitos casos, a actuação da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), legitimamente eleita, seja condicionada por pequenos grupos que, apesar de terem uma capacidade de mobilização louvável, representam apenas franjas do universo estudantil. Porque esse discurso, mais do que congregar e unir estudantes, apenas afasta a maioria da discussão - vejam-se as últimas Assembleias Magnas e os seus baixos níveis de participação. Ou, como diz o reitor da UC, apenas descredibiliza o movimento estudantil.

Porém, também não são melhor exemplo os típicos “carreiristas” académicos que, mais do que representar quem os elegeu, parecem já mais preocupados com as próximas eleições para a DG/AAC. Os que, menos preocupados em quanto vão pagar de propinas para o próximo ano, estão mais interessados em perceber quantos votos podem valer nas eleições para a DG/AAC e a que lugar na hierarquia do poder isso poderá contribuir.

E os outros estudantes? Pura e simplesmente, nada. Porque faltam os verdadeiros ideólogos e não os intelectuais de café, porque rareiam os líderes e sobram os demagogos, porque escasseiam os académicos e sobejam os “jotinhos”. Porque, no fim, desaparecem os verdadeiros estudantes de Coimbra e sobejam os frequentadores do ensino superior.

Resta a democracia. Aquela que os estudantes tanto apregoam mas que tanto desrespeitam, aquela que, infelizmente não pode apenas servir quando é favorável, mas que também tem de ser respeitada quando toma caminhos contrários à nossa opinião. E aqui, Seabra Santos tem vantagem: o respeito pela democracia e o estado de direito têm acompanhado a sua forma de estar em todo o processo de fixação das propinas. Já os estudantes não podem advogar o mesmo. Mas será que na vida não vale mais a pena um dia orgulhosamente de pé do que toda uma existência certa mas cinzenta?... Emanuel Graça

ca. Como também foi polémica a decisão de invasão da Sala das Congregações, na reitoria, por parte dos estudantes. Quase uma semana após estes eventos, uma reflexão mais calma sobre a sua importância torna-se fulcral.

Por um lado, a atitude do reitor. Como o demonstra a entrevista nesta edição, na qual Seabra Santos procura explicar à comunidade universitária os porquês das suas motivações, o catedrático de Engenharia Civil está cada vez mais numa posição difícil. Porque cada vez mais está preso entre as suas convicções e a “real politik” necessária para garantir a gestão corrente da universidade. Cada vez mais, Seabra Santos perde margem de manobra e é obrigado a decisões que, não sendo as suas, são as que a gestão a curto prazo da UC obriga.

Porém, aqui coloca-se uma questão fundamental: será que essa navegação a curto prazo é a melhor para o futuro da instituição? Será que a UC já não é uma instituição marcada pela irreverência em todos os seus corpos, mas antes uma máquina burocrática que deve, mais do que defender altos valores, procurar a sua subsistência, mesmo que utilizando processos duvidosos para o garantir?... O apoio dos docentes e funcionários à proposta reitoral de propina máxima demonstra que, mais do que da reitoria, a visão utilitarista da UC é uma teoria com bastante acolhimento.

Ao longo do século XX a investigação científica e tecnológica constituiu um motor fundamental do desenvolvimento da sociedade, principalmente nos países mais ricos. O desenvolvimento das novas tecnologias, em particular a Informática, as Tecnologias da Informação e Comunicação, a Microelectrónica e a Biotecnologia, permitiram que, no virar do século XX, as actividades de Investigação & Desenvolvimento, nomeadamente no domínio das Ciências da Saúde, sofressem uma verdadeira revolução. A comunicação entre os elementos da comunidade científica é agora muito mais fácil e a divulgação de resultados científicos encontra-se extraordinariamente facilitada pela generalização do acesso à internet. Contudo, o acesso aos meios tecnológicos mais recentes continua restrito aos que têm uma excelente capacidade financeira e uma boa rede tecnológica economicamente sustentável. Nestas condições a sustentabilidade das actividades de I&D desenvolvida por uma equipa só pode ser conseguida pela rentabilidade dos seus resultados. A investigação torna-se cada vez mais uma procura de soluções para problemas reais, seleccionando-se como preferenciais aqueles de cuja solução se espera um retorno maior.

Os domínios da investigação são invadidos por condicionalismos económicos que interferem com a actividade das equipas e estimulam o aparecimento de verdadeiras acções de marketing e actuação em lobby para aceder a posições de relevo a captar fundos. Os países mais ricos recrutam jovens recém formados para exercer funções de I&D durante o período em que são mais produtivos, retendo indefinidamente os que possuem grande valor. Desta forma os países menos ricos vêem-se privados de parte do seu capital humano e o seu investimento na formação a ser rentabilizado por outros interesses.

Neste contexto transnacional continua a existir espaço para o homem de ciência no nosso país, agora em equipa multidisciplinar e uma peça fundamental para o desenvolvimento da nossa sociedade. Apesar do grande esforço dos últimos anos a situação da investigação entre nós não é boa, pois as fontes de financiamento são escassas e é de prever que diminuam as oportunidades de emprego para os que querem abraçar a investigação são pequenas e pouco estimulantes, os parceiros com quem competimos na Europa e fora da Europa estão muito melhor preparados do que nós. Não sendo um cenário fácil é de admitir que, se houver uma aposta na formação para aproveitar de forma séria o nosso capital humano e se aplicar uma política consistente de desenvolvimento que esteja acima dos interesses do momento, seja possível, a médio prazo, dispormos de uma estrutura de I&D credível e não dependente de sub-

Portugal e a Investigação

António M. Silvério Cabrita*

sídos. Contudo estamos optimistas em relação ao futuro pois que acreditamos que a médio prazo estas actividades desempenharão um papel reconhecidamente imprescindível à manutenção da sociedade.

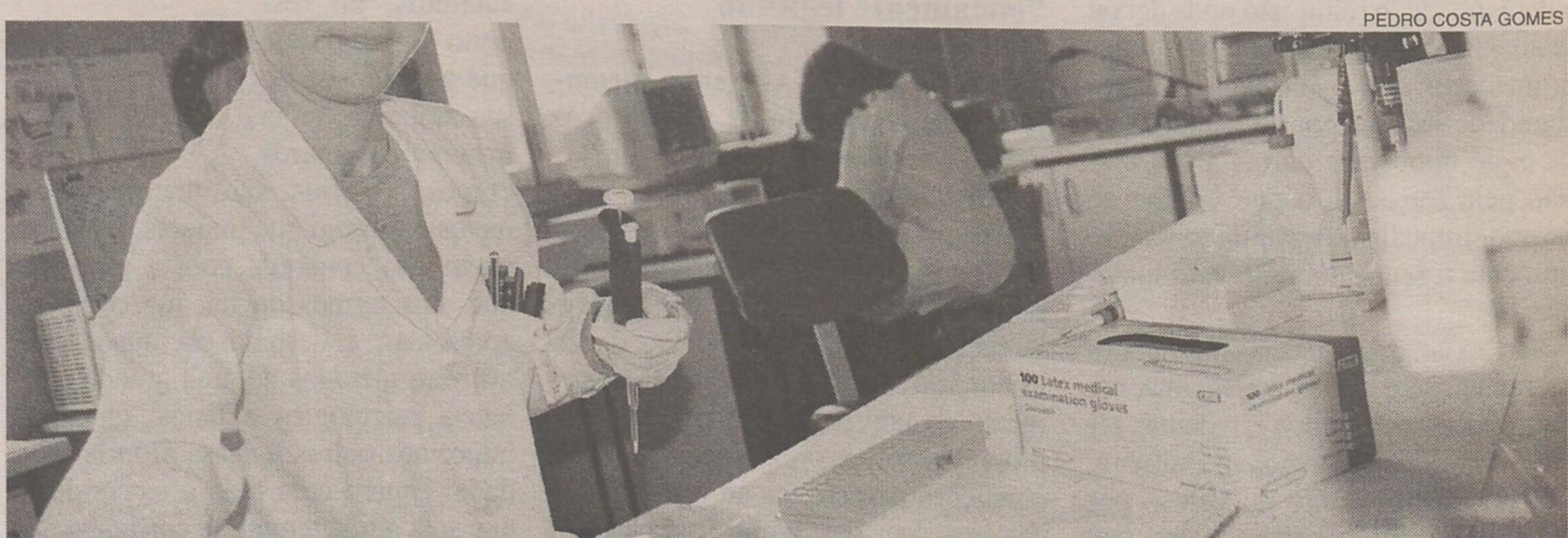
Portugal é um país com recursos limitados sem uma forte tradição em I&D, onde a opinião pública e a opinião publicada não valorizam correctamente estas actividades e onde o meio industrial não se encontra motivado para chamar a si estas tarefas ou pelo menos a participar activamente nelas. Presentemente, entre nós, a investigação encontra-se quase restrita ao meio universitário, não existindo uma boa capacidade científica autónoma no meio industrial, o que constitui um obstáculo importante ao desenvolvimento social. Na Universidade a investigação decorre com qualidade e muitos adquirem notoriedade pelo seu trabalho como investigadores, apesar destas tarefas ainda não serem adequadamente reconhecidas e recompensadas. Mas a investigação que tem lugar nas universidades não é suficiente para promover o desenvolvimento científico e tecnológico de um país.

“Os domínios da investigação são invadidos por condicionalismos económicos que interferem com a actividade das equipas e estimulam o aparecimento de verdadeiras acções de marketing e actuação em lobby”

Portugal necessita urgentemente de reformular o conceito de unidade industrial, aglutinando a produção e a inovação, transportando a sua indústria para o século XXI. Não se trata de fazer uma revolução, apenas de integrar as nossas estruturas no tempo actual. É indispensável e urgente que a investigação tenha um lugar próprio no meio industrial, o que só poderá acontecer quando houver jovens com formação científica disponíveis, vontade e capacidade política para estimular a prática de I&D na empresa e motivação dos empresários.

Presentemente já dispomos de uma comunidade científica, embora ainda muito jovem e com poucos apoios para se desenvolver e manter. Os incentivos à introdução de I&D na empresa ainda não conseguiram motivar os empresários, ou porque não foram compreendidos, ou as duas coisas. Quando compararmos a produtividade científica da comunidade de investigadores portugueses, com a de outros países com maior desenvolvimento nesta área, percebe-se que temos uma comunidade activa e empenhada, mas ainda pouco deserta para não se ficar na publicação de resultados e investir no seu patenteamento, transportando o saber do laboratório para o meio social, entregando-o ao benefício das populações. A investigação não pode existir por si só, afirmando-se sobretudo pelo impacto que possa ter na sociedade.

* Investigador na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra



PEDRO COSTA GOMES



Estudantes contestam legalidade da votação da propina por correspondência

DANIEL SEQUEIRA

Propina máxima à espera de decisão judicial

Senado de amanhã e Assembleia Magna de quinta-feira essenciais para o futuro da universidade

Estudantes ocuparam reitoria em protesto contra contagem dos votos das propinas.

Mesmo assim, o escrutínio foi efectuado e a propina máxima foi aprovada. Falta a decisão do tribunal sobre a validade do processo

Emanuel Graça

Cerca de 60 estudantes invadiram a Sala das Congregações da Reitoria da Universidade de Coimbra (UC), na passada terça-feira. Na base deste protesto esteve a contagem dos votos por correspondência para a fixação do montante das propinas, ordenada pelo reitor, Seabra Santos.

Para os estudantes, esta contagem é nula. Isto porque consideram que o acto eleitoral foi suspenso pelo Tribunal Administrativo e Fiscal de Coimbra (TAF), que deu provimento ao pedido de uma providência cautelar de suspensão do processo, intentada pelo presidente da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC), Miguel Duarte.

Mesmo assim, o reitor decidiu ordenar a contagem dos votos. Para Seabra Santos, o escrutínio dos votos referentes à votação do valor da propina da UC para o próximo ano lectivo não constitui nenhuma ilegalidade.

dade, visto que apenas a eficácia da votação foi suspensa (ver Destaque – Entrevista a Seabra Santos).

Ao todo, participaram 37 senadores na votação da proposta de Seabra Santos para a fixação da propina máxima para o próximo ano lectivo, o que é suficiente para que o acto seja considerado válido. Destes, 35 mostraram-se a favor do valor máximo, enquanto outros dois votaram em branco. Agora, tudo está dependente da decisão do TAF em validar ou não a votação. Caso o tribunal não anule o acto e venha dar razão ao reitor, os estudantes da UC vão assim pagar a propina máxima no próximo ano lectivo – um montante que pode chegar aos 880 euros (contra os actuais 352 euros).

“Illegal”, dizem estudantes

Ao serem informados, na véspera, da decisão do reitor de proceder ao es-

crutínio dos votos das propinas, a indignação dos estudantes foi ao rubro. Segundo um comunicado da DG realizou-se um plenário alargado na AAC, onde vários estudantes decidiram “dirigir-se ao local do escrutínio para pedir explicações sobre este acto, uma vez que o tribunal suspendera todo o processo”. No dia seguinte, chegados à reitoria, os alunos foram informados “que o local onde iria decorrer a contagem dos votos apenas seria divulgado caso o representante dos estudantes na mesa [o presidente da DG/AAC] concordasse em participar na mesma”. Esta condição foi desde logo posta de parte, com os alunos a rejeitarem participar num acto que consideravam “illegal”. Após alguma discussão, os alunos decidiram ocupar a reitoria, exigindo uma explicação do reitor, a qual viria a ser prestada pessoalmente por Seabra Santos, no final da tarde.

DG/AAC não vai pedir demissão do reitor

Numa altura em que a contestação estudantil ao reitor da Universidade de Coimbra, Seabra Santos, aumenta de tom, a Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra (DG/AAC) afirma que não vai pedir a sua demissão na próxima Assembleia Magna, na quinta-feira.

Segundo o presidente da DG/AAC, Miguel Duarte, o intuito desta reunião de alunos é “informar” e marcar uma “posição política da academia”. O dirigente estudantil vai mais longe e afirma mesmo que não concorda com um eventual pedido de demissão do reitor: “Não é o caminho pretendido”, explica o estudante. De resto, Miguel Duarte acrescenta que caso alguém proponha a demissão do reitor, a DG/AAC votará contra. Quanto ao senado de amanhã, o dirigente avança que os estudantes vão distribuir panfletos de sensibilização. De resto, além de estar prevista uma intervenção sobre a votação das propinas, Miguel Duarte explica que vai ser mobilizado um grupo de estudantes para ficar em “stand-by”, caso “o assunto seja levado a senado”.

Na opinião de Miguel Duarte, “o escrutínio é nulo e está incompleto”. Para o dirigente, “além do TAF ter suspenso o acto eleitoral, o tribunal intimou ainda as partes para que não participassem neste processo”, pelo que os senadores que respeitaram o despacho do tribunal não entregaram o seu voto na reitoria (recorda-se que a decisão do TAF foi conhecida dia 14 de Junho e os boletins de voto deveriam ser entregues na reitoria até às 17 horas do dia 16). Por isso, o estudante da faculdade de Economia conclui que o processo só pode ser considerado “inválido”.

Recorde-se que a polémica estalou após a invasão do Senado Universitário para impedir a fixação do valor da propina para o próximo ano lectivo. Perante esta situação, o reitor da UC, Seabra Santos, decidiu recorrer ao artigo 3º do Código de Procedimento Administrativo (CPA) para sustentar a decisão de realizar a votação por correspondência, embora seja proibida no regulamento do Senado. Segundo o artigo do CPA, “os acordos administrativos práticos em estado de necessidade, com preterição das regras estabelecidas neste código, são válidos, desde que os seus resultados não pudessem ter sido alcançados de outro modo”. A DG/AAC discordou desta interpretação, considerando que a invocação do estado de necessidade requer um “fundamento prático e jurídico”, e recorreu aos tribunais. Embora o resultado final ainda não seja conhecido, o tribunal decidiu suspender provisoriamente o processo de votação por correspondência.

Cronologia da crise

23 de Maio de 2003 – Pedro Lynch, ministro da Ciência e do Ensino Superior, apresenta o anteprojecto da Lei de Bases de Financiamento do Ensino Superior, a qual é aprovada a 22 de Agosto. O aumento das propinas é uma das medidas previstas.

1 de Outubro de 2003 – É convocada uma reunião do Senado Universitário para fixar as propinas. No entanto, os representantes dos estudantes neste órgão abandonam a reunião, quebrando o quórum e impedindo assim a fixação do valor da propina.

7 de Outubro de 2003 – Em nova reunião do Senado Universitário, os estudantes boicotam novamente a fixação das propinas, desta feita invadindo a sala do senado. Seabra Santos, reitor da Universidade de Coimbra (UC), considerando que não estão reunidas as condições para prosseguir à reunião, decide adiar a reunião.

5 de Novembro de 2003 – Em reunião de senado, é aprovada a propina mínima para a UC para o ano lectivo de 2003/2004. Os alunos acusam o reitor Seabra Santos de “traição” e “engenharia processual” – tudo porque o valor da propina foi aprovada num curto espaço de tempo, quando nenhum dos estudantes senadores estava presente na sala.

2 de Junho de 2004 – Os estudantes invadem novamente a sala do Senado Universitário, inviabilizando a reunião que deveria fixar o valor da propina cobrada pela UC no ano lectivo de 2004/2005. Em cima da mesa, estava uma proposta de Seabra Santos defendendo a propina máxima.

3 de Junho de 2004 – Na sequência dos controversos acontecimentos do dia anterior, Seabra Santos apresenta como solução alternativa a votação da sua proposta referente ao valor da propina por correspondência.

15 de Junho de 2004 – Devido a uma providência cautelar intentada pela DG/AAC, o Tribunal Administrativo e Fiscal de Coimbra suspende provisoriamente a votação, por correspondência, do valor da propina para o próximo ano lectivo.

22 de Junho de 2004 – Apesar da decisão do tribunal, Seabra Santos ordena que se proceda ao escrutínio dos votos, considerando o processo legal. Os estudantes tentam pedir satisfações ao reitor e invadem a reitoria. São colocadas faixas na faculdade de Direito acusando a reitoria de estar “fora da lei”. Ao final da tarde, Seabra Santos fala com os manifestantes.

6 UNIVERSIDADE

Quotas para homens em Medicina causam desagrado

Ministros portugueses já se manifestaram contra esta possibilidade

Aumento do número de mulheres a entrar nas faculdades de Medicina em toda a Europa suscita apreensão e desagrado em alguns sectores da classe e nas próprias instituições

Ana Bela Ferreira
Diana do Mar

A possibilidade de introdução de quotas para o ingresso de homens nas faculdades de Medicina e para o acesso à profissão tem causado polémica. A hipótese foi avançada pela primeira vez em Setembro do ano passado, numa reunião da Associação Médica Europeia realizada em Berna, na Suíça. Vários organismos e instituições ligadas à área da Medicina e à defesa da igualdade social, nomeadamente da posição da mulher na sociedade, têm mostrado a sua indignação.

De acordo com dados do Ministério da Ciência e do Ensino Superior, existem neste momento em Portugal mais 1500 mulheres do que homens a frequentarem cursos de Medicina, um fenômeno que se vai reflectir ao nível da profissão. O Instituto Nacional de Estatística indica que, em 2001, 45 por cento dos médicos eram mulheres, um aumento substancial em relação aos 15 por cento registados em 1969.

A este respeito, o bastonário da Ordem dos Médicos, Germano de Sousa, defende que é necessário haver um maior equilíbrio de sexos. E acrescenta que é preciso rever todo o sistema, sendo fundamental que o Ministério da Ciência e do Ensino Superior, bem como o da Saúde, aceitem entrar na discussão.

Segundo a Federação Nacional

dos Professores (FENPROF), esta situação agrava-se visto que o ritmo de crescimento da percentagem de mulheres no ensino superior é 50 por cento superior à média de aumento da população estudantil.

Por outro lado, em nome da Associação Mulheres em Ação, Alexandra Téte refere que "a mulher é vista como um ser diminuído, consequência da maternidade, daí que não possa aceder a uma carreira de forma tão competente como um homem". Na sua opinião, o pai também tem de ser capaz de conciliar o seu papel na família com a profissão. A medida tem em vista uma maior rentabilização do trabalho dado que a mulher perderia "horas extraordinárias" no desempenho da sua função de mãe, facto que não tem qualquer sentido, conclui.

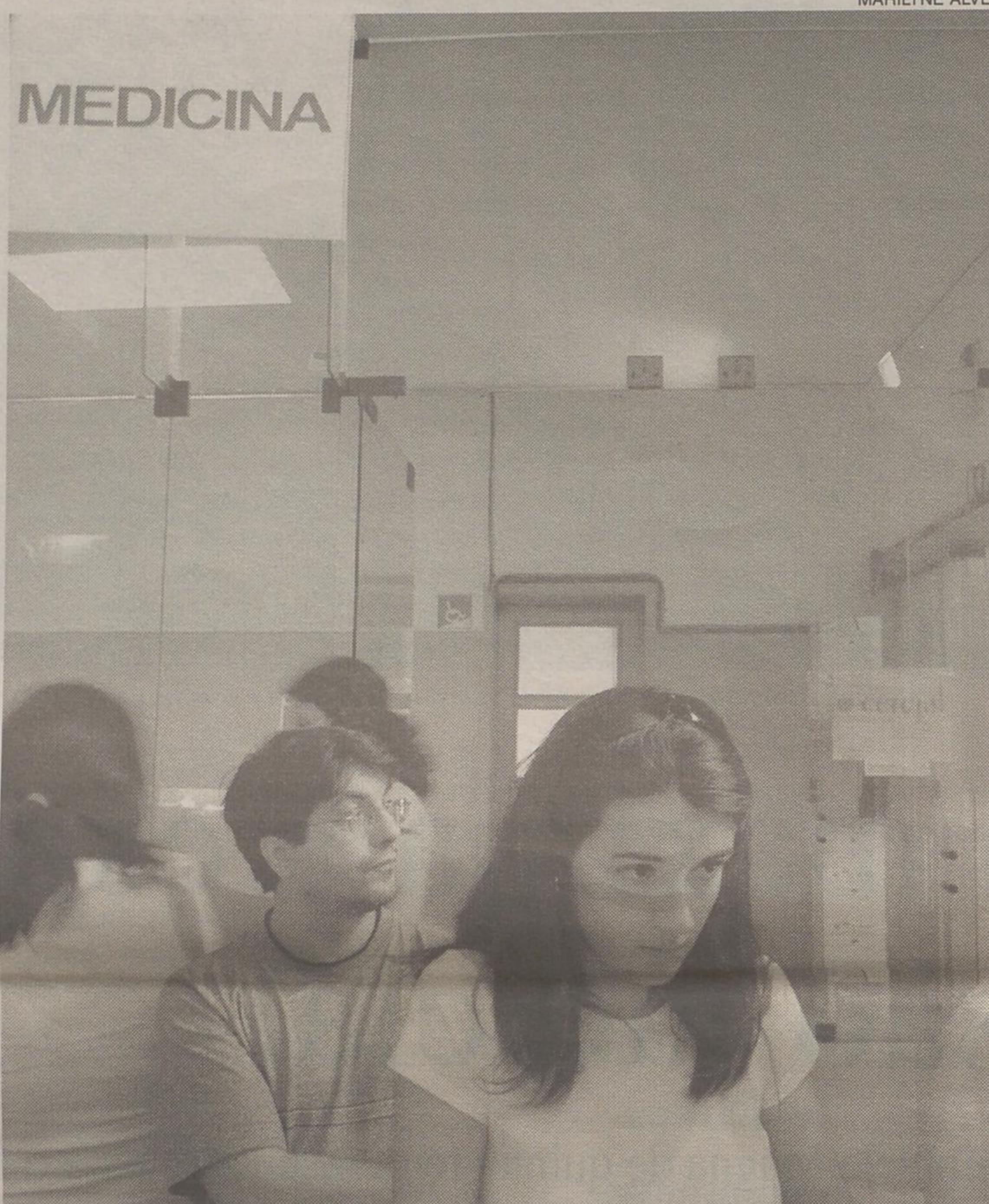
"Acesso por mérito próprio" posto em causa

A mesma opinião é partilhada pela ministra da Ciência e do Ensino Superior, Maria da Graça Carvalho, que considera a proposta de criação de quotas sem sentido "até porque o critério na escolha dos alunos nas candidaturas é o desempenho".

Segundo a FENPROF, esta medida só virá acentuar a desigualdade social já existente: "A existência de quotas apenas impede as mulheres de darem o seu contributo para a ciência e não se apresenta como solução para o problema".

Mário Nogueira, um dos membros da federação, sublinha que "é impensável que estudantes sejam impedidos de entrar num curso superior embora reúnham todas as condições que a lei actual contempla". Os alunos devem chegar aos cargos "por mérito próprio e pelo esforço de trabalho", remata.

Por sua vez, o presidente da Associação Nacional de Estudantes de Medicina (ANEM), Pedro Lopes, é da opinião que "a implementação de



Aumento de mulheres em Medicina levanta possibilidade de quotas para homens

quotas iria provocar uma discriminação". O estudante sublinha que "é possível a um estudante do sexo masculino aceder ao curso sem medidas de proteção". O presidente da ANEM revela-se contundente em relação a esta questão referindo que "qualquer mulher tem direito a ser mãe e, assim, teriam que ser inscritoas quotas em tudo que é profissional". O estudante defende antes a realização de testes psicotécnicos e entrevistas para realmente avaliar a capacidade e o carácter do aluno para que ele se torne um bom profissional no futuro.

A controvérsia gerada em torno desta questão despoletada pelo médico e presidente do Conselho Directivo do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, António Sousa Pereira, levou o ministro da Saúde, Luís Filipe Pereira, a clarificar a sua posição. O ministro garantiu que é contra o estabelecimento de quotas. Contudo, o gabinete do ministro admite que se levanta muitas vezes a questão de a participação feminina poder ser condicionada pelas responsabilidades da mulher em termos domésticos ou de vida familiar.

Instituições passam a fixar vagas

No próximo ano lectivo vão passar a ser as escolas de ensino superior a fixar o número de lugares que colocam à disposição. A tutela não pretende reduzir o número total de vagas

Tiago Azevedo

Já no próximo ano lectivo são as instituições de ensino superior que vão fixar o número de vagas para cada curso. No entanto, o número de vagas obedece a um global fixado pelo Mi-

nistério da Ciência e do Ensino Superior (MCES) e a fixação tem necessariamente de obedecer a alguns critérios impostos pela tutela.

Para 2004/2005, a ministra Graça Carvalho já reiterou a decisão de não reduzir o número total de vagas, que se fixa nos 46.400 lugares no ensino superior público.

No entanto, a ministra referiu que serão permitidos aumentos no número de vagas se isto for resultado de um crescimento de ingressos nos cursos de Medicina, acrescentando que devem existir novas vagas para este curso. Neste sentido, garante também uma especial atenção a alguns casos pontuais, como os "novos cursos que demonstrem excepcional relevância social, empregabilidade e adequação às

necessidades da rede pública". A área das ciências e engenharias, um sector considerado prioritário pela tutela, deve também sofrer um aumento do número de vagas, mas que vai resultar da redistribuição dos lugares entre os cursos de cada instituição.

Entre as medidas anunciadas pelo MCES, mantém-se a opção de não financiar os cursos que não tenham procura por parte dos estudantes. O ministério considera que os cursos que em 2003 tiveram menos de dez matrículas, e que nos últimos três anos não registaram mais de 30 inscrições, não devem ser financiados. Contudo, Graça Carvalho refere que não vai ser reduzido o número de vagas nas áreas prioritárias.

As regras de acesso para o próximo ano lec-

tivo permanecem inalteradas e a Lei de Bases da Educação, aprovada na Assembleia da República, salienta que o processo de avaliação e seleção dos candidatos ao acesso em cada curso de ensino superior é "da competência dos próprios estabelecimentos, os quais devem associar-se para este feito, de modo a que os estudantes possam concorrer a instituições diferentes". Assim, as provas de ingresso continuam a ser os exames nacionais do ensino secundário, sob a avaliação da Comissão Nacional de Acesso ao Ensino Superior. No entanto, está a ser estudada a possibilidade de alterar este sistema, passando as instituições a ser as responsáveis, a partir de 2007, pela realização das provas específicas de acesso e pela seleção dos candidatos.

Coimbra só com uma escola de enfermagem

Tiago Pimentel

O Ministério da Ciência e do Ensino Superior vai reorganizar a rede do ensino público politécnico na área da saúde em todo o país. De acordo com o decreto-lei aprovado no passado dia 9 pelo Governo em Conselho de Ministros, Coimbra, Lisboa e Porto passarão a ter apenas uma escola de enfermagem cada. Quanto às restantes escolas de enfermagem, localizadas em Braga, Évora e nas Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores, serão integradas em institutos politécnicos nas cidades onde estão sedeadas ou, na ausência destes, em universidades.

O Instituto Politécnico de Coimbra, após a integração da Escola Superior de Tecnologia da Saúde (ESTS), contará com aproximadamente 1100 alunos em seis unidades orgânicas. A ESTS junta-se à Escola Superior de Educação, à Escola Superior Agrária, ao Instituto Superior de Engenharia, ao Instituto Superior de Contabilidade e Administração e à Escola Superior de Tecnologia e Gestão.

Por seu lado, as escolas de enfermagem de Coimbra (Ângelo da Fonseca e Bissaya Barreto), têm Dezembro de 2005 como prazo para avançar com o processo de fusão. Está já em negociação a integração na Universidade de Coimbra, à qual Seabra Santos não se opõe, desde que sejam cumpridos requisitos como o desenvolvimento de investigação científica ou o número de professores doutorados. A junção implicará a remodelação do corpo docente, dos programas de gestão de alunos e de contabilidade e da filosofia interna de cada um dos estabelecimentos. Após este processo, serão eleitos os novos corpos dirigentes daquela que será designada por Escola Superior de Enfermagem de Coimbra, com a redacção de novos estatutos.

A rede pública de escolas politécnicas na área da Saúde é actualmente constituída por 31 instituições, das quais 22 são escolas superiores de enfermagem, três são escolas superiores de tecnologia da saúde e seis são escolas superiores de saúde.

“Estamos a chegar à fase final”

Novo presidente da Metro Mondego acredita no sucesso do projecto

O primeiro metro em Coimbra deverá estar a circular dentro de três anos e meio. Responsável afirma que não há atrasos

João Pedro Campos
Filipa Oliveira

José Machado Mariz tem nas mãos um projecto pensado há vários anos. Apesar de reconhecer a falta de empatia dos cidadãos, o novo presidente da Metro Mondego (MM), que tomou posse há cerca de mês e meio, refuta as várias críticas e mostra-se optimista.

Qual é o estado actual do concurso público internacional?

Tomámos posse há um mês e meio e o Governo imediatamente fez questão de nos dar um trajecto muito bem definido, que tinha a ver com necessidade de rapidamente rever aspectos técnicos, financeiros e jurídicos dos diferentes dossieres. Sem essa revisão era arriscado abrir o concurso público internacional, porque, com todos os exemplos que tem havido no país, este é um projecto complexo. Há indicação e o pedido muito sério de que este projecto decorra de forma exemplar.

O que falta fazer para a revisão estar concluída?

Um projecto desta dimensão tem riscos e não está na nossa mão esbatê-los por completo. Confesso que quando nos debruçamos sobre estes aspectos temos sempre alguns re-celos. O nosso trabalho de revisão está praticamente concluído – a revisão dos aspectos técnicos e financeiros é complexa mas muito interessante.

Porquê complexa?

Complexa porque é a primeira vez em Portugal que se faz uma parceria pública–privada nesta área dos transportes. E sendo a primeira vez que vai ser realizado e estabelecido, não há histórias. Portanto, dificulta-nos alguns aspectos da análise. Mas a arquitetura financeira está completamente concluída. Resta-nos concluir os aspectos jurídicos que têm a ver com o programa do concurso e o caderno de encargos. Completando os aspectos do dossier jurídico que estamos a fazer, deixa de estar na nossa mão, e é tudo entregue ao Governo. A partir daí o Governo promove a abertura do concurso público internacional. Está tudo muito bem orientado e estamos a chegar à fase final.

Há grandes vantagens do Governo e dos privados optarem pelo modelo

de parceria público–privada. É que o Estado não tem meios de acompanhar com rigor uma obra. As obras feitas por privados com o Governo decorrem com menos sobressaltos que as obras realizadas só pelo Estado. Só que é necessário demonstrar que isso é assim. Há uma lei específica de Abril de 2003 que trata e legisla, com muito rigor, o âmbito e a aplicação das medidas das parcerias entre públicos e privados, que estão a generalizar-se por toda a Europa e a que, por acaso, Portugal se tem adaptado bem. A questão do défice leva os estados a procurar parcerias em obras que não podem lançar sozinhos, por razões orçamentais.

Uma ideia antiga

Como nasceu o projecto?

Isto nasce há dez anos de um sonho. De 1994 a 1996 não foi criado nada. Não havia sequer gabinetes de estudo. Foi um sonho de determinados Governos, mas não tinham meios. Só há cinco anos é que foi organizado.

Que zonas abrange este projecto?

Numa primeira fase, abrange Coimbra, Lousã e Miranda do Corvo, mas está no nosso pensamento que, numa fase seguinte, caminhe para uma área metropolitana. A primeira fase do projecto é um eléctrico ligeiro que vem da Lousã até à cidade (à estação de Coimbra-B). Em determinado momento, no Arnado, há uma linha que se dirige aos Hospitais. Designamos por Hospitais visto que há mais que um hospital nesta zona. O nosso concurso já terá uma referência às linhas de expansão.

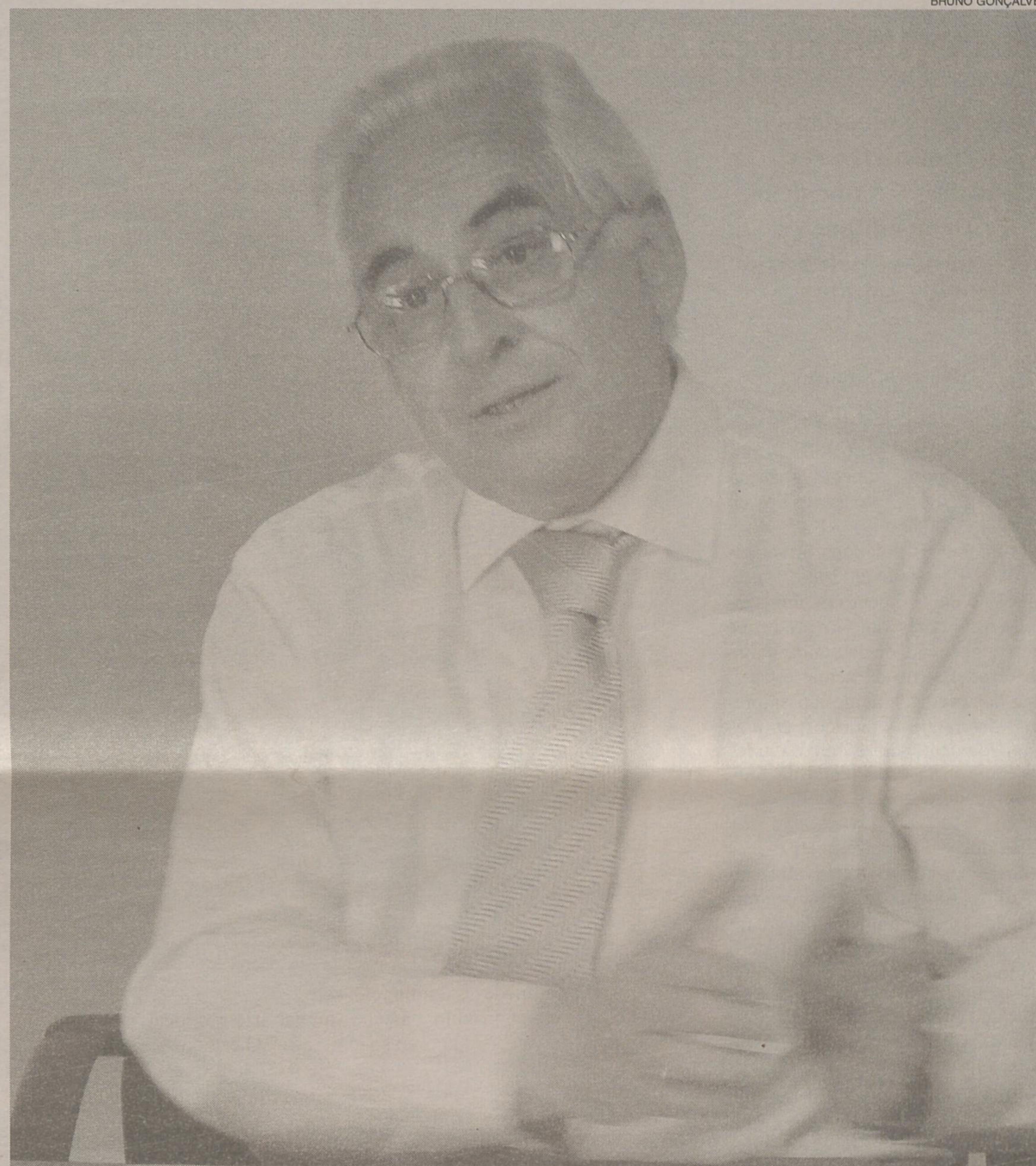
“Só depois do metro começar a andar é que as pessoas vão dar valor. Isso leva tempo”

Qual é a reacção dos cidadãos a este projecto?

Não há uma relação de empatia entre a cidade de Coimbra e este projecto. Em primeiro lugar, o cidadão não acredita, porque também não sabe o que é. Pensam que se vai escavar a cidade e enché-la de túneis. Em Coimbra faz-se imediatamente uma associação com o Metro de Lisboa, com grandes túneis, grandes estações subterrâneas e material ferroviário. Quem já foi ao Porto vê que é completamente diferente. Coimbra não sabe o que é.

E a reacção ao processo de obras?

As obras demoram muito tempo a ser pensadas e incomodam muita gente. Mexe com os interesses das pessoas, os seus patrimónios, as suas casas de habitação e comerciais. A fase de obras é dramática e estamos a preparar-nos para ela. Só depois do metro começar a andar é



Machado Mariz revela-se confiante que o primeiro metro vai circular na cidade dentro de três anos

que as pessoas dão valor. Mas isso vai levar muito tempo.

Tem conhecimento de outros projectos deste género? Qual tem sido o impacto?

Em todo o mundo, estão a decorrer cerca de 148 projectos e todos eles têm em comum o descrédito inicial das populações. Aqueles que chegam ao fim, as pessoas gostam e aplaudem. Foi o caso do troço de Matosinhos, há dois anos.

O que tem a dizer acerca do estudo do impacto ambiental?

A declaração de impacto ambiental está aprovadíssima, mas com algumas recomendações. Respeitámos uma série de coisas, pediram-nos que confirmássemos outra vez, através de prospecções arqueológicas, em duas ou três zonas da Baixinha, mas nada que influenciasse o bom andamento do projecto.

Há críticas, nomeadamente pelo Instituto de História de Arte, no que diz respeito à Baixinha. O que tem a dizer?

São críticas que respeitamos. No entanto, é possível fazer uma obra interessantíssima, respeitando os valores históricos e arquitectónicos, mas também acrescentando mais alguma coisa. Esta obra traz também melhoramentos a nível social, pois é uma zona extremamente degradada e vai ser revitalizada.

Houve também algumas críticas relativamente à Lousã, segundo as quais seria preferível um melhoramento do ramal existente em vez do metro. Como comenta?

Pelos contactos que temos tido e de acordo com o projecto que está na mesa, isso já está ultrapassado e foi inclusive aprovado pelas assembleias municipais.

O seu antecessor, Armando Pereira, no momento da sua demissão, falou na existência de atrasos no projecto. Qual é a medida desse atraso?

Ele refere-se certamente a atrasos políticos. Se são políticos, eu não comento. Pode ter havido atrasos, mas está tudo acertado.

Qual é o prazo de conclusão?

Se tudo correr bem, isto é, sem derrapagens, em três anos e meio já vamos ter o primeiro eléctrico a circular na cidade. Neste momento estamos todos muito optimistas.

Perfil: José Mariz

José Machado Mariz tem 65 anos e é natural de Braga. Licenciou-se em Economia pela Faculdade de Economia do Porto em 1963.

Trabalhou em algumas empresas, ligadas ao Banco Pinto Malhães. Há 36 anos veio para Coimbra, onde desde então vive. Esteve sempre ligado à indústria alimentar e já foi presidente da Associação Comercial e Industrial de Coimbra.

Machado Mariz é também deputado da Assembleia Municipal pelo CDS/PP, cargo que exerce desde 2001, e que já tinha exercido em 1986. É presidente do conselho de administração da Metro Mondego desde Abril passado.

8 NACIONAL

“Águas de Portugal” privatizadas até final de 2005

Entraves à privatização do sector começaram a ser eliminados a partir de 1984

Processo polémico viu um ministro ser demitido e a oposição criticar em peso a decisão de se privatizar o sector

Mário Guerreiro

A decisão governamental de privatizar a holding “Águas de Portugal” (AdP) prevê uma privatização da empresa até 49 por cento do seu capital até 2005.

O anúncio da polémica privatização da AdP foi feito em Maio e integra-se no cumprimento de um ponto do programa do Governo que refere a necessidade de uma “avaliação e redefinição da actual estratégia e dos modelos de gestão empresarial dos recursos hídricos, através designadamente, do reforço da independência e da capacidade da função reguladora que ao Estado compete”.

Esta decisão de reformular o sector das águas através da privatização da AdP foi tomada “à luz da exequibilidade da sua implementação no curto e no médio prazo”. Segundo o documento que abriu a porta à privatização da AdP, o sector de abastecimento de água e de saneamento reveste-se de importância estratégica, uma vez que se trata do “sector fundamental” que envolve preocupações que vão do foro político à saúde, ao ambiente, ao “bem-estar das populações e o desenvolvimento económico nas suas várias vertentes”. Diz o Governo que é da sua responsabilidade o fornecimento de água “em quantidade, qualidade e a um preço socialmente equilibrado”.

A decisão polémica de reestruturar o sector das águas com a privatização até 49 por cento do capital da AdP deve ser “considerada como um meio de melhorar a eficiência sem pôr a causa o objectivo essencial de qualidade e preço socialmente aceitável do serviço”.

Águas públicas são a norma

Os modelos de gestão do sector das águas nos demais Estados-membros continuam a ser predominantemente públicos. Apenas no Reino Unido, na França, e, embora em menor relevância, na Espanha há



Projecto de privatização das Águas de Portugal gera polémica e suscita críticas da oposição

de facto uma predominância da gestão privada de um sector que é o único (do conjunto das “utilities”) que ainda não foi alvo de medidas liberalizantes por parte da União Europeia (UE). No entanto, na Holanda e Irlanda é garantida a exclusividade pública da água. Em países exteriores à UE a privatização do sector das águas continua a ser pouco significativa.

Em Portugal, por seu lado, os entraves legais à privatização do sector têm vindo a ser eliminados desde o início da década de 80. As principais medidas registaram-se entre 1982 e 1994. Em 1982 procede-se à revisão

constitucional e seis anos depois é aprovada a alteração da Lei de Delimitação dos Sectores. Segue-se em 1990 a aprovação da Lei Quadro das Privatizações e no ano seguinte a empresa pública EPAL é transformada numa Sociedade Anónima. Em 1994, por fim, o Governo aprova o Regime Jurídico dos bens do domínio hídrico e no mesmo ano cria-se a possibilidade de concessão de sistemas multi-municipais.

A operação de privatização da AdP vai decorrer até ao final de 2005 e prevê um aumento de capital até mil milhões de euros, de uma forma faseada. Com esta privatiza-

ção o Governo pretende dispersar a participação até 49 por cento da AdP por vários investidores institucionais e particulares. Até 2008 deverão existir investimentos que ascendem aos 1,7 mil milhões de euros no sector das águas. Deste total, cerca de 600 milhões de euros provêm do dinheiro que entra com o aumento de capital, outros 700 milhões de euros dos fundos de coesão e o restante é conseguido com um endividamento.

Sobre as críticas à privatização da holding AdP, SGPS, S.A., o Governo contrapõe com o que considera serem as vantagens deste modelo: o

facto de não serem necessárias modificações significativas do quadro jurídico existente, permitir um encaixe financeiro que assegura a parte das necessidades de investimento para infra-estruturação no sector e assegurar um integral aproveitamento dos fundos comunitários.

A oposição parlamentar é que não concorda com os argumentos do Governo. Após o anúncio da privatização da AdP o Partido Ecologista – Os Verdes pediu um inquérito parlamentar a este processo. Os restantes partidos da oposição também criticam a decisão do Governo de privatizar o sector das águas.

ONE LOVE FAMILY
SAXY LADY RAMIRO SAX
JOHNNY DEF MC
LOS CHAMPIONES
ANTÓNIO CORREIA VJ
CATOJ MÁRIO VIKTOR
SHY NUNO BLACK
TIOMIO PEDRO MALACO
HUGO VALENTE SURPRISE
EL NIÑO PSTAR PARAÍSO
LUCAS PAULO FLX

WORKSHOPS

PEACE PARTY PEOPLE

ESCULTURA

4 JULHO 2004

09:00H - 22:00H

QUINTA DO LORETO PINTURA ARTE CIRCENSE
Feriado Dia da cidade COIMBRA DEEP SEXY DISCO FUNK ELEKTRO REGGAE HOUSE

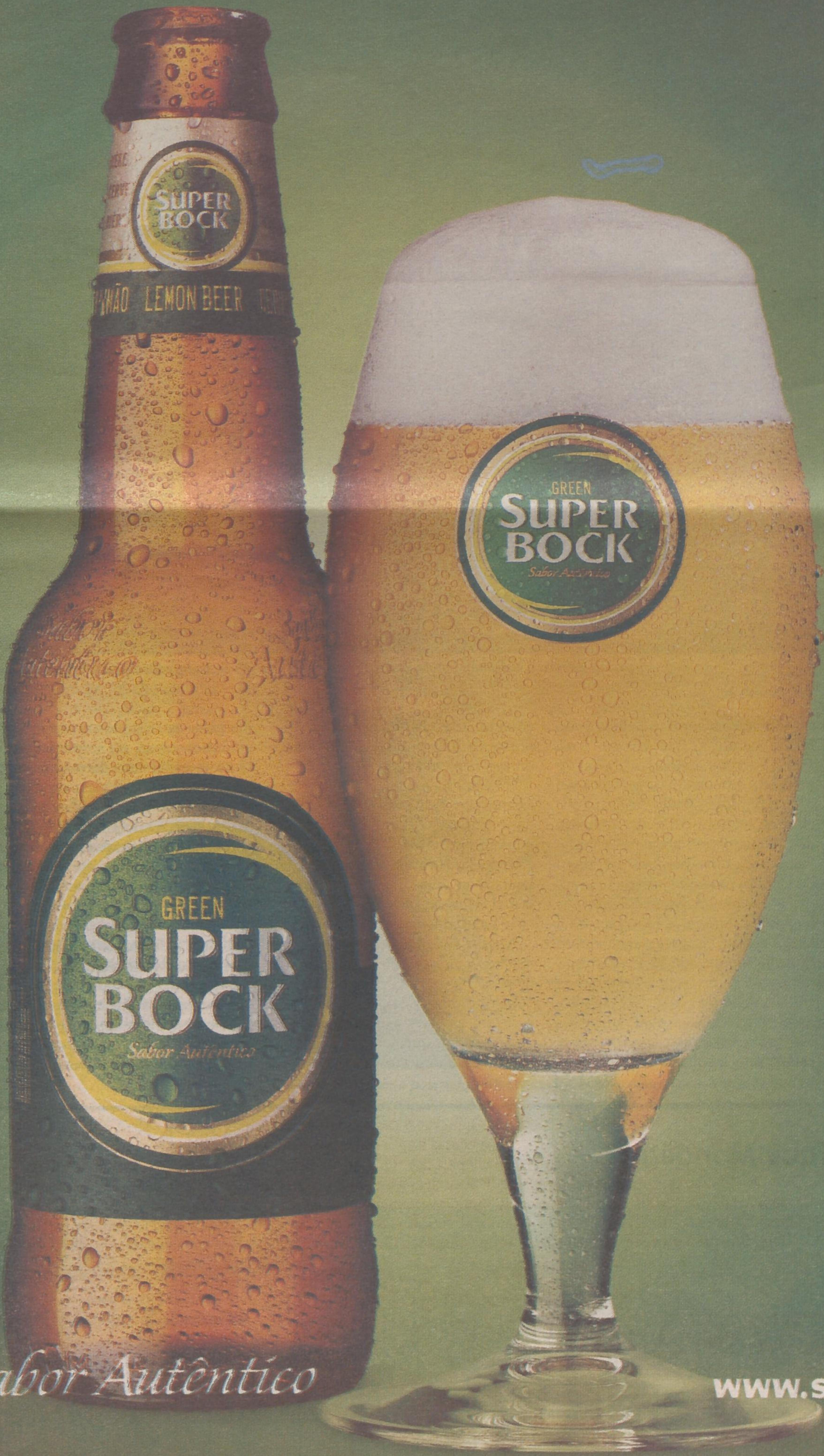
PUBLICIDADE

Super Bock Green A nova tentação.

Chegou Super Bock Green, a nova cerveja limão da Super Bock, ainda mais fácil de beber. Uma cerveja de sabor único, ligeiramente turva, leve e não amarga. A cerveja ideal até para quando não apetece beber cerveja. Converte-se à Super Bock Green. Muito mais do que uma nova cerveja, uma nova dimensão de sabor.

Super Bock Green. Uma nova dimensão de sabor.

Seja responsável. Beba com moderação.



**SUPER
BOCK**

Sabor Autêntico

www.superbock.pt

29 DE JUNHO DE 2004

“Docas” de Coimbra aproximam cidade e rio

População entusiasmada com nova infra-estrutura

Pensado há já uma década, o Parque Verde do Mondego só agora foi inaugurado. Bares, uma esplanada de madeira e uma ampla zona verde são as ainda escassas atrações que mantém o sítio vivo até às 4h da manhã. No final do Verão, prevê-se que o complexo esteja já a funcionar a todo o gás

Rita Delille
Rosa Ramos

No início do mês, a cidade de Coimbra inaugurou o novo Parque Verde do Mondego. O empreendimento, concebido pela equipa do arquiteto Camilo Cortesão, tem como limite natural a margem do rio e a vegetação e prolonga o Parque Manuel Braga até ao Pavilhão Centro Portugal. Como explica o vereador responsável pelo pelouro das obras públicas, João Rebelo, este pretende ser, antes de mais, “um elemento de atração e aproximação da população ao rio”.

O parque (com cerca de oito mil hectares), uma espécie de “Docas” em ponto pequeno, dispõe de uma vasta área verde, completada por uma zona de bares e restauração com uma esplanada de madeira debruçada sobre as águas do Mondego. Um urso gigante, em relva sintética, é o cartão de visita desta zona. Esta é uma das maiores atrações para as crianças que treparam pelas suas pernas para logo de seguida continuarem a brincadeira no relvado ou no parque infantil. O parque tem ainda zonas de exposição, com três edifícios transparentes, que funcionam como módulos temáticos, que podem ser apreciadas por crianças e adultos.

O espaço de bares e restauração ainda está a funcionar a meio gás,



Apesar de estar já a funcionar, ainda nem todos os bares da zona de restauração e lazer se encontram abertos ao público

já que apenas dois balcões estão abertos: o do “Q Bar” e o do “Irish Pub”. Um dos donos do “Q Bar” e membro do consórcio responsável pelo complexo, Paulo Jesus, explica que, embora fosse do interesse dos responsáveis abrir mais tarde, “houve alguma pressão por parte da câmara para que houvesse alguma coisa aberta para oferecer aos visitantes durante a inauguração”. Desta forma, “conseguimos, muito humildemente, erguer minimamente os bares e apresentar uma certa qualidade”, diz. No entanto, explica que “estas duas situações são provisórias e o serviço ainda está muito básico e simples”. No

entanto, para Paulo Jesus, o complexo “vai revolucionar o ritmo diurno e nocturno de Coimbra”.

No final do Verão, o “Q Bar” vai ser reformulado e funcionar como bar cultural, com exposições, workshops e filmes. O bar irlandês (“Irish Bar”) vai receber música irlandesa ao vivo. Está ainda prevista a abertura de um restaurante e de uma gelataria.

Apesar de ainda se encontrar numa fase embrionária, esta primeira obra do Programa Polis tem-se revelado um lugar de preferência para quem a visita. Durante a tarde, muitos são os que passeiam por ali, lêem ou namoram deitados nas

margens ou simplesmente bebem qualquer coisa na esplanada. À noite, a esplanada de madeira é o sítio de eleição para conversar, tomar um copo e ouvir música até de madrugada. O rio é invariavelmente o cenário, enquadrado pela margem direita e pela recentemente construída Ponte Rainha Santa Isabel.

Coimbra tem mais encanto junto do Mondego

Um pouco por todo o lado, vai-se ouvindo a frase “parece que nem estamos em Coimbra”, o que revela a distância que até agora separou a população do rio. Como

salienta o presidente da Associação Cívica Pro-Urbe, António Bandeirinha, “o rio era um canal de água que corria completamente alheio da vida urbana”, tendência agora invertida pela inauguração do parque e por projectos futuros a ele associados.

As margens do Mondego há muito que esperavam por este e outros projectos. A Pro-Urbe começou, há cerca de uma década, uma campanha intitulada “Viva o Rio”, que focava precisamente a questão da relação da cidade com o rio. Esta constou de alguns passeios, discussões e debates ao longo das margens, tudo para tentar sensibili-

O que acha do Parque Mondego?

Rosa Andrade, 25 anos, estudante de Psicologia



“Acho tudo um bocado caro e penso que devia haver mais diversidade, qualquer coisa para comer. O leque de escolhas é um pouco limitado. O que me faz vir aqui é mesmo este espaço”.

Carinne, 26 anos, estudante de Jornalismo



“O espaço é espetacular, muito mais calmo e menos stressante do que outros sítios. À noite, penso que o movimento é muito melhor do que durante o dia”.

João Paulo, 27 anos, estudante de Engenharia Civil



“No início eu estava bastante céptico, mas o espaço revelou-se uma agradável surpresa. Tenho vindo bastantes vezes aqui para passear e caminhar um pouco”.

Cecília, 26 anos, funcionária na Câmara Municipal de Setúbal



“É a primeira vez que cá venho. Espero que se mantenha assim e que as pessoas não vandalizem o espaço, como é hábito. Fiquei surpreendida. Não fazia ideia que fosse um parque”.

zar as pessoas para a necessidade de uma revitalização e aproveitamento do espaço. Pouco tempo depois, foi aberto um concurso de projectos para o Parque Verde Mondego, ganho pela equipa do arquitecto Camilo Cortesão e da arquitecta Mercês Vieira.

Na opinião de António Bandeirinha, este projecto ganhou por ser "inovador, consistente e, ao mesmo tempo, simples". O arquitecto considera ainda que a ligação entre um parque contemporâneo, o actual Parque Verde do Mondego, e um parque de início de século XIX, o Parque Doutor Manuel de Braga, foi bem conseguida. Também Maria Lurdes Cravo, membro da delegação da Quercus de Coimbra, sublinha que o complexo está adequado a nível arquitectónico. Explica que "o mais importante quando se faz requalificação em margens de rio é criar infra-estruturas leves". Isto porque conferem ao local "um carácter espontâneo e tornam-se, ao mesmo tempo, muito menos onerosas em termos orçamentais".

Um projecto para continuar

Na opinião de António Bandeirinha, o parque deve "continuar para sul, na outra margem", posição também defendida pelo Presidente da Câmara Municipal de Coimbra, Carlos Encarnação. Para o autarca, "a ligação entre as margens deve ser valorizada". É neste sentido que está pensada a construção de uma ponte pedonal que vai atravessar o rio e ainda uma ciclovia e um ancoradouro onde o barco recreativo "Bazófias" vai passar a atracar. Isto porque, na opinião de Carlos Encarnação, "é necessário tratar das duas margens e dar-lhes algum espírito de unidade a nível paisagístico". Também Maria Lurdes Cravo considera que "é necessário tornar a margem esquerda parte integrante da cidade".

Embora a construção do parque se tenha revelado demorada, António Bandeirinha desvaloriza a questão e explica que, quando "as coisas são bem feitas, demoram". Neste sentido dá o exemplo da Ponte Rainha Santa Isabel, que considera um "projecto processualmente falhado", porque se quiseram "fazer as coisas muito depressa". Já Carlos Encarnação considera "estrano que só agora se tenha descoberto que era preciso dar um tratamento às margens do Mondego". O edil defende que "qualquer cidade que tenha um rio, tem um elemento enorme de valorização". Assim, a construção do parque vai, na sua opinião, alterar o ritmo da cidade já que, "Coimbra descobre agora os prazeres do rio, as suas utilidades e o factor agradá-

vel que ele representa".

Falta de segurança e lixo são principais críticas

O projecto tem sido alvo de algumas críticas, nomeadamente ao nível de falta de uma vedação que proteja as crianças de uma queda às águas do Mondego. Carlos Encarnação considera natural que estas críticas surjam porque "as pessoas convivem mal com uma coisa que é boa e procuram logo trinta defeitos". Relativamente à falta de segurança, o autarca admite que "esta pode ser preocupante" mas, lembra que "a construção de um qualquer tipo de vedação seria prejudicial do ponto de vista ambiental". Neste sentido, Maria Lurdes Cravo considera que uma solução possível e com fraca interferência a nível ambiental seria "a construção de uma pequena vedação de madeira".

Outro ponto que tem suscitado alguma preocupação é a acumulação de lixo nas margens. "O entulho acumula-se junto à margem direita, por razões que se prendem com a curva do rio, e portanto é necessário permanentemente fazer limpeza do lixo que está à superfície das águas", explica a ambientalista da Quercus. Também Carlos Encarnação afirma que "já se procedeu a uma operação de limpeza, mas esta deve ser continuada". No entanto, o autarca defende que "deve haver atenção, principalmente por parte de quem está a explorar o parque, para evitar a retenção desses lixos". Recorde-se que a manutenção, segurança, limpeza e animação do parque estão a cargo do Complexo Verde do Mondego, um grupo de quatro empresas, ao qual foi atribuído a licença de exploração das estruturas comerciais ali existentes.

Maria Lurdes Cravo alerta ainda para a existência de "duas valas de esgotos a desaguar diariamente muito perto do Pavilhão de Portugal, junto ao Parque Verde, o que interfere muito na qualidade das águas e as torna perigosas". Neste sentido, a activista da Quercus sublinha a importância do projecto de criação de um centro de educação ambiental que vai ficar instalado no pequeno edifício que está no meio do Parque Dr. Manuel Braga.

Outra crítica apontada pela ambientalista tem que ver com o facto de "o Pavilhão de Portugal estar ali como mero edifício isolado". E explica: "Era necessário dar-lhe outra dinâmica, arranjar-lhe uma programação interessante". Por fim, a especialista da Quercus afirma ainda que "devem ser pensados acessos que permitam chegar ao parque através de outros meios que não o automóvel".



A pouco e pouco, os habitantes de Coimbra começam a render-se ao Parque Verde do Mondego

Odete Isabel, 64 anos, farmacêutica nos HUC



"Hoje vim cá com os meus netos. Normalmente venho à noite. Apenas aponto alguma falta de proteção para as crianças à beira-rio. O parque traz uma componente europeia a Coimbra."

Ana Rita, 23 anos, estudante de Química Industrial



"O espaço está muito bem conseguido, Coimbra estava mesmo a precisar. É óptimo para dar um passeio e espalhacer a cabeça. Os preços são normais para sítios deste tipo".

Diogo Silva, 17 anos, estudante do ensino secundário



"Acho que é tudo um bocado caro e deviam existir mais bares. Apesar disso, adoro o sítio. O parque é muito agradável e com uma bela paisagem, junto ao rio Mondego".

Marta Ferreira, 17 anos, estudante do ensino secundário



"Tenho vindo muitas vezes, principalmente durante a tarde e fico aqui na esplanada. Ainda não fui para a zona do parque. Só gostava que houvesse um bar com música e pistas de dança".

12 INTERNACIONAL

Poder no Iraque é entregue ao Governo interino

O dia de amanhã marca também o regresso de Saddam Hussein ao país após a sua captura

EUA consideram que o país não está preparado para uma transição democrática e ex-primeiro-ministro russo diz que houve uma combinação entre Saddam e Bush para a sua captura

Carla Santos

O Comité Internacional da Cruz Vermelha fez o ultimato aos Estados Unidos para a entrega de Saddam Hussein ao Iraque até dia 30, mas os EUA alegam falta de competência do governo interino para julgar o ex-ditador.

Capturado e detido pelos Estados Unidos da América a 13 de Dezembro do ano passado nos arredores de Tikrit, Saddam Hussein (assim como outros nove responsáveis do seu regime) será entregue ao Governo interino iraquiano amanhã. Esta data marca também o fim da ocupação norte-americana no terreno e a transição definitiva do poder para um Governo interino iraquiano. O dia 30 de Junho foi o dia determinado pelo Comité Internacional da Cruz Vermelha (CIRC) caso o prisioneiro não tenha sido oficialmente julgado. Desde que está preso, Saddam Hussein encontra-se numa "prisão especial" - um aeroporto de Bagdad, onde estão outros ex-dirigentes também detidos. Aí, o ex-ditador já recebeu a visita do Comité Internacional da Cruz Vermelha por duas vezes.

O presidente George W. Bush duvida da capacidade actual do Governo iraquiano para julgar Saddam e acha que a entrega do prisioneiro deveria ser adiada até se reunirem as condições de segurança necessárias, sugerindo ainda que os EUA mantivessem a custódia física do prisioneiro e sendo dada a Bagdad a custódia legal tal como toda a liberdade para o julgar. A dificuldade deste Governo em manter a paz fez-se notar recentemente com os atentados terroristas de dia 25, que voltaram a fazer mortos (92 pessoas) e feridos (uma média de 350 pessoas) em Mossul, Baquba, Falluja, Ramadi e Bagdad.

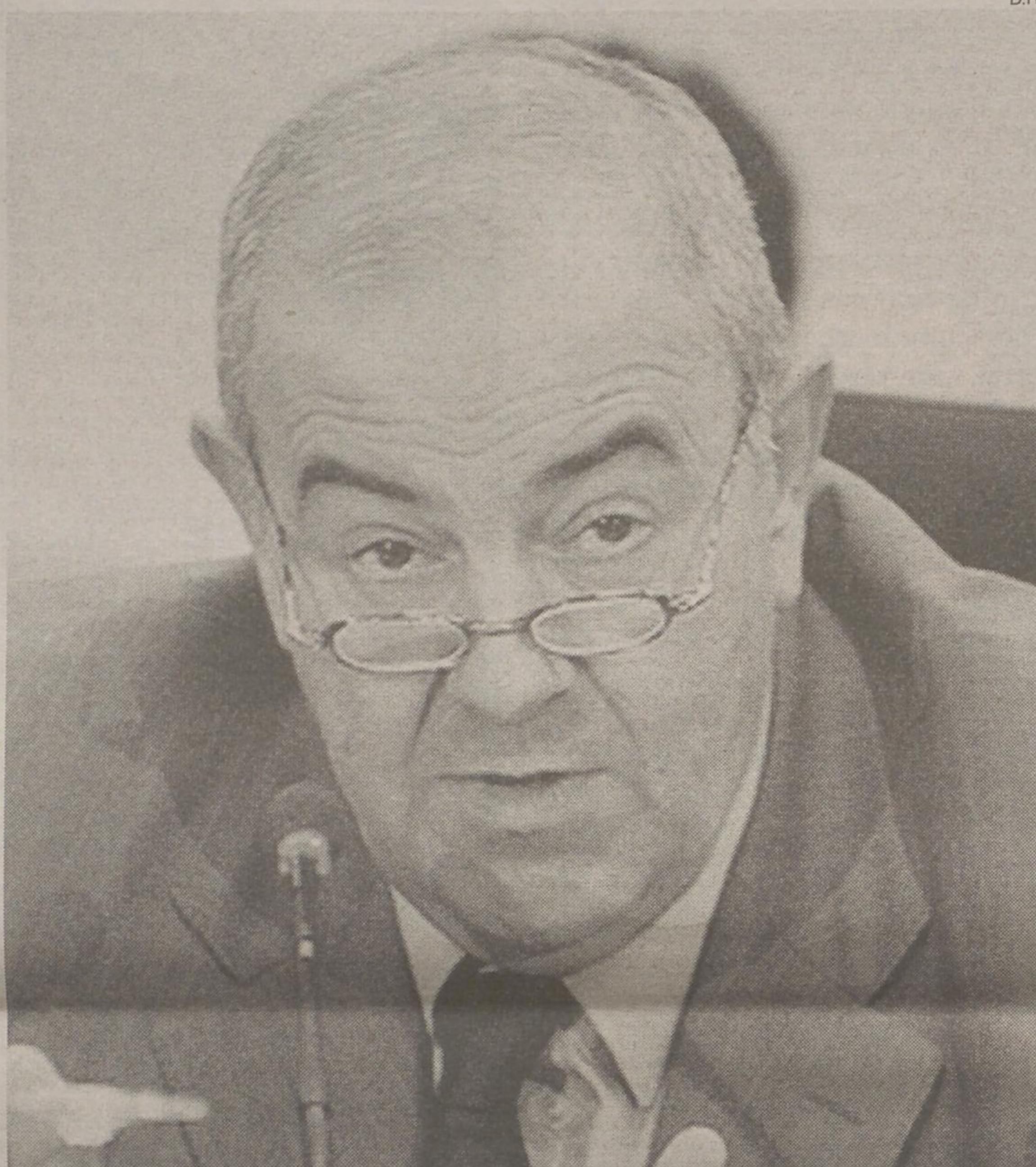
Entretanto, o primeiro-ministro iraquiano, Iyad Allawi, diz que não fará pressão para o regresso do ex-líder até que o país tenha condições para que este seja julgado justamente.

Segundo José Manuel Pureza, o coordenador da licenciatura de Relações Internacionais da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, "a transição deste Governo para a democracia é nesta altura

praticamente nula: o Iraque é um país com uma situação militar instável e uma ocupação militar que ainda não cessou e portanto falar neste caso de democracia é falar de uma situação virtual". O docente acrescenta ainda que uma condição essencial para alcançar a democracia é um país ser auto-governado. "Nas condições actuais o Iraque não é um país de auto-governo", afirma.

Surge também a forte possibilidade de o ex-ditador ser condenado à pena de morte por ter cometido crimes contra humanidade. Foi o que constatou Salem Chalabi, o responsável pelo tribunal especial criado a 10 de Dezembro pelo Conselho de Governo transitório iraquiano.

Já o antigo primeiro-ministro russo, Yevgeny Primakov, sustenta a ideia de ter havido um acordo entre Saddam Hussein e os EUA. Primakov acrescenta ainda que o ex-ditador iraquiano terá sido alegadamente capturado bastante antes do anunciado. Segundo o responsável russo, só sete meses depois essa prisão terá sido noticiado, o que faz questionar a veracidade das imagens da detenção.



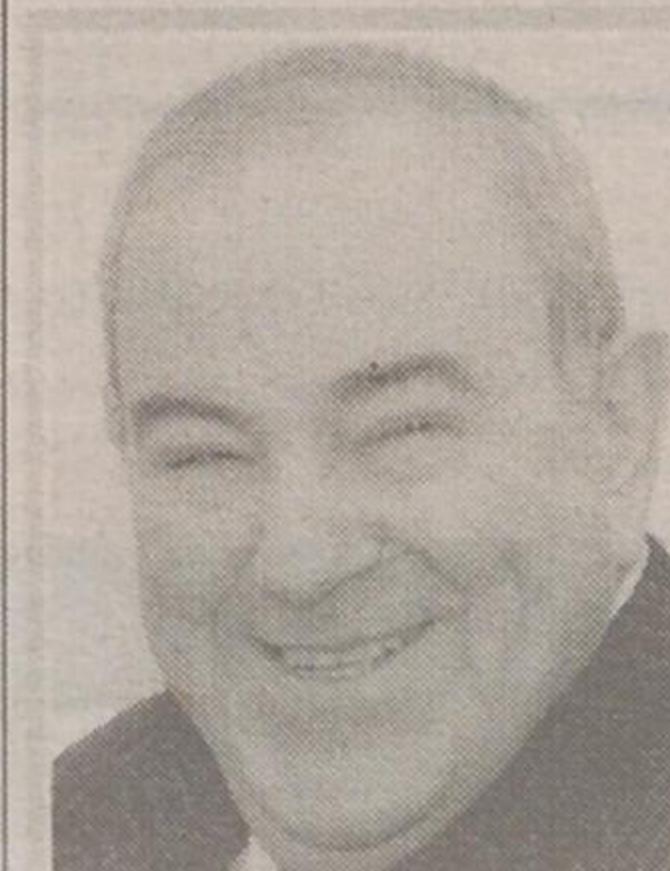
Iyad Allawi vai ter de superar as pressões da maioria xiita e também dos curdos

A transição do Iraque

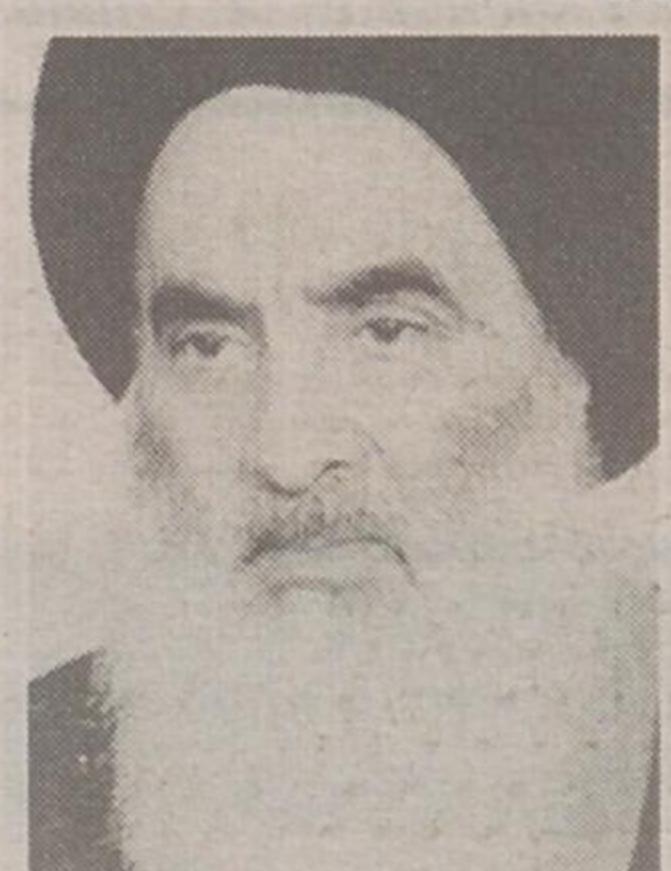
Coligação a entregar o poder ao recentemente constituído Governo Provisório do território. Ao abrigo da resolução 1546 da ONU o novo Governo não pode mudar ou criar qualquer lei básica.

30 WEDNESDAY JUNE 2004
Meia-noite, 30 de Junho: Governo do primeiro-ministro interino **Iyad Allawi** assume o poder
31 SATURDAY JULY 2004
Julho: **Conferência constitucional** - para organizar eleição de uma assembleia nacional - tem de ser convocada final do mês
31 MONDAY JANUARY 2005
Jan 2005: Eleição de uma assembleia nacional para se eleger a Constituição permanente. A Constituição deve resolver controvérsias como a questão do poder que deve ser atribuído à maioria xiita e a autonomia a ser dada aos curdos

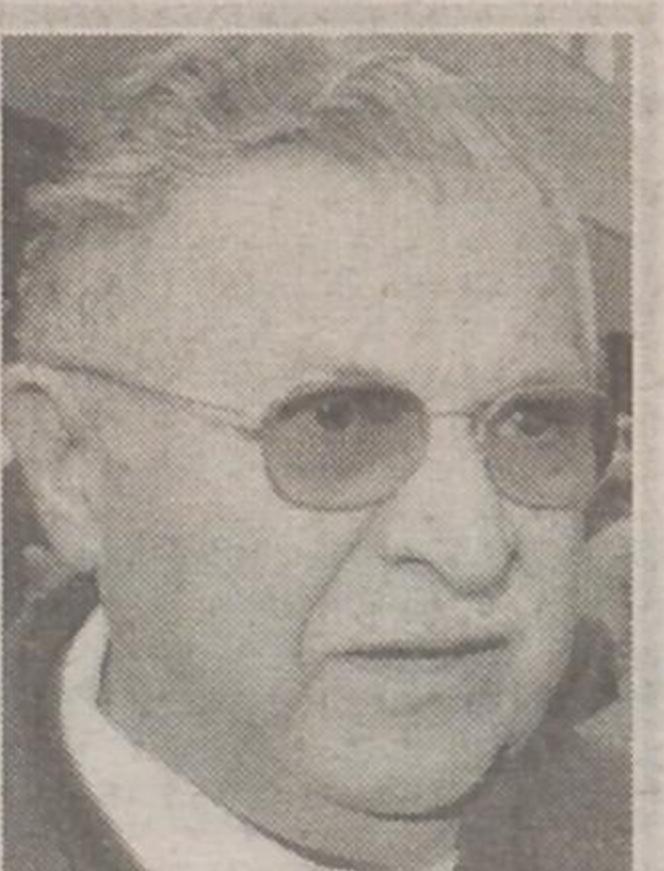
15 SATURDAY OCTOBER 2005
15 de Outubro de 2005: Referendo público sobre a Constituição. Se aprovada seguem-se eleições
31 SATURDAY DECEMBER 2005
Dezembro: Governo eleito por **sufrágio directo e universal** tem de assumir funções até 31 de Dezembro
Segurança: **Governo interino pode declarar lei marcial**. A força multinacional de 135 mil soldados dos EUA e 26 mil soldados da coligação mantém-se a médio-prazo. A liderança iraquiana não consegue vetar operações militares lideradas pelos EUA



Dr. Ayad Allawi
Primeiro-ministro interino escolhido pelos EUA. Espera-se que trabalhe de perto com o novo embaixador dos EUA em Bagdad para formular a política do Governo iraquiano



Grande Ayatollah Ali al-Sistani
Clérigo xiita mais antigo. Rejeita um autónomo norte curdo - quer que o Governo interino mantenha as fronteiras do país incólumes



Jalal Talabani
Líder curdo exige que o Governo interino não volte atrás no decidido na Constituição provisória de Março, que consagrava uma autonomia curda



L. Paul Bremer
Um dos últimos actos do administrador da coligação foi aprovar a **Ordem 17**, que dá imunidade às tropas dos EUA de qualquer forma de prisão, detenção ou acusação



Abu Musab al-Zarqawi
Chamam-lhe o líder da **al-Qaeda** no Iraque. São-lhe atribuídas as recentes decapitações. Alegadamente já ameaçou assassinar Allawi

Fotografias: Associated Press, AFP/Getty Images

Fontes: Agency reports, GlobalSecurity.org

Referendo pode tirar Chávez do poder

Rui Simões

O povo venezuelano vai ser chamado às urnas a 15 de Agosto para decidir, em referendo, a continuidade de Hugo Chávez na presidência do país ou a sua destituição.

A realização deste referendo - permitida por uma emenda constitucional, da autoria de Chávez - foi garantida, pela oposição venezuelana, após um moroso, bastante complicado, e por vezes violento, processo de mais de seis meses de recolha de assinaturas. Apesar de garantir que os populares estavam a ser coagidos, por forças governamentais, a não assinar a petição, os opositores de Chávez conseguiram as cerca de dois milhões e quinhentas assinaturas necessárias à realização dum referendo revocatório.

Chávez, na presidência há quatro anos (desde 2000), tem vindo a exortar os seus apoiantes a organizar patrulhas eleitorais para fazerem campanha casa a casa com o objectivo de conseguir a vitória no referendo sobre o seu mandato. Paralelamente, o presidente venezuelano já veio afirmar que o seu "verdadeiro rival" será o presidente norte-americano, George W. Bush, e não a oposição do seu país: "No dia 15 de Agosto, haverá um confronto entre Hugo Chávez e George W. Bush", disse, acusando ainda Bush de "querer dominar a Venezuela". Chávez vira-se, assim, para o vizinho da América do Norte pois garante não ter "um adversário político venezuelano" já que a Coordenação Democrática, que agrupa as cinco formações da oposição, "não tem capacidade" para o "enfrentar numa batalha de igual para igual".

A oposição, que acusa Chávez de despotismo e de pretender "cubanizar" o país, tem vindo a questionar a semântica da pergunta a constar no boletim de consulta popular. Numa tradução livre, fala-se em "deixar sem efeito um mandato outorgado mediante eleições democráticas legítimas", sendo que a oposição levanta a hipótese dessas expressões serem da autoria de Chávez, o qual considera "infantil" tal suspeita.

No entanto, os rivais do presidente julgam que o "Não" vai ganhar, "seja essa ou outra, a pergunta" constante do boletim de voto, pois a vontade do povo "é clara".

Para o resultado do plebiscito ser válido, o "Não" terá de ter, pelo menos, mais um voto que aqueles que Chávez teve quando foi eleito nas eleições de 2000 - cerca de três milhões e setecentos na altura.

Mesmo em caso de ser destituído através do referendo, Chávez poderá recandidatar às eleições que, se necessário, se vão realizar exactamente 30 dias após a consulta popular.

Em caso de eleições antecipadas, e mesmo perante o avolumar de descontentamento popular, Chávez seria sempre um claro favorito, pois não se perfila, na oposição, nenhum candidato com força suficiente para reunir a sua volta as vozes descontentes.

Estudantes testam genéricos

São muitos os voluntários que por dinheiro participam em ensaios clínicos de medicamentos

A AIBILI compara os efeitos médicos de fármacos de marca e genéricos em testes realizados a estudantes universitários

Vítor Aires

O Centro de Estudos de Biodisponibilidade (CEB), uma unidade da Associação para a Investigação Biomédica e Inovação em Luz e Imagem - AIBILI, desenvolve testes clínicos de medicamentos, normalmente já disponíveis no mercado. Todas as pessoas que participam são estudantes, sobretudo de Farmácia e Medicina, e fazem-no de forma voluntária. A maioria dos testes procura uma base de comparação entre um medicamento de marca e o respectivo genérico. Contudo, também podem ser sobre fármacos novos ou com novas quantidades.

Os voluntários, após demonstrarem a sua vontade de participar, são incluídos numa base de dados. Mais tarde, essa base de dados é usada para seleccionar os participantes em cada estudo. David (nome fictício), estudante de Letras, soube dos ensaios clínicos por colegas que já os faziam. Pouco tempo depois de se ter inscrito junto da AIBILI, David foi chamado para participar num ensaio clínico. Os responsáveis médicos explicaram-lhe qual o medicamento que iria ser testado, as suas contra-indicações e os efeitos secundários. Após ter aceite participar, o voluntário assina um termo de responsabilidade médica e é sujeito a análises ao sangue, testes oftalmológicos, de auscultação e a um electrocardiograma. Além de ter um se-



Estudantes da Universidade de Coimbra voluntariam-se para fazer testes de medicamentos realizados pela AIBILI

guro sobre os participantes, a AIBILI possui ainda salas de emergência médica em caso de complicações.

O CEB é a única unidade da associação cujos clientes são, na sua maioria, empresas portuguesas. É das farmacêuticas que parte a iniciativa do estudo. A interligação com os clientes é fácil, uma vez que há várias farmacêuticas entre os associados da AIBILI. O centro realiza, por ano, entre seis e 12 estudos de biodisponibilidade. A maioria deles envolve 20 a 24 voluntários e dura dois dias. Segundo David, os voluntários são de origens variadas, embora haja uma maioria de estudantes

da área da Saúde.

Durante dois dias, o David experimentou dois medicamentos diferentes, ambos já introduzidos no mercado. Em ambos os dias, David tomou o medicamento de manhã, em jejum. No primeiro, um fármaco de marca. No segundo, o respectivo genérico. Ao fim do dia, era-lhe retirada uma amostra de sangue e David informava os responsáveis pelo estudo de alguma alteração física que pudesse ter ocorrido.

Após o ensaio, os voluntários recebem uma compensação monetária, referente a um subsídio de alimentação e a despesas de deslocação.

Quem a atribui e decide o seu valor é a entidade que requisitou o estudo clínico. David recebeu 125 euros pelo seu primeiro ensaio. Contudo, segundo ele, a compensação monetária depende do estudo. Oscar Gaspar, estudante de Medicina, participa em ensaios de medicamentos há sete anos. Já entrou em estudos de fármacos novos, com a duração de 14 dias e uma compensação monetária de 375 euros. Além disso, obrigam a um maior controlo por parte do voluntário, nomeadamente no que toca ao consumo de tabaco, álcool, cafeína e à utilização da pílula contraceptiva.

O que é a AIBILI

A AIBILI (Associação para a Investigação Biomédica e Inovação em Luz e Imagem) é uma organização de investigação privada, sem fins lucrativos. Criada em 1989, divide a sua investigação por três unidades, o Centro de Ensaios Clínicos (CEC), o Centro de Estudos de Biodisponibilidade (CEB) e o Centro de Novas Tecnologias para a Medicina (CNTM).

Além de possuir cerca de 30 pessoas no quadro efectivo, a AIBILI trabalha ainda com muitos prestadores de serviço, incluindo vários docentes da Universidade de Coimbra. A associação é certificada pelo Instituto Nacional da Farmácia e do Medicamento e pelo Instituto Português de Qualidade como uma entidade que já implementou as normas europeias de Boas Práticas Clínicas e Laboratoriais.

A AIBILI desenvolve a sua investigação com base nos problemas dos clientes, maioritariamente empresas estrangeiras da área da saúde.

O CEC dedica-se a estudos clínicos, sobretudo na área da oftalmologia. O sucesso destes estudos deve-se, em grande parte, a um protocolo que possui com o Departamento de Oftalmologia da Universidade de Coimbra.

O CNTM mantém uma colaboração muito próxima com o CEC. O seu objectivo é desenvolver novos instrumentos e novas técnicas médicas, também principalmente na área da oftalmologia. As novas tecnologias são depois transferidas para a indústria na área da saúde. Os investigadores do centro têm artigos regularmente publicados em revistas internacionais.

Museu único pode ajudar espaços esquecidos

O Museu de Física expõe uma coleção de peças únicas mas o número reduzido de visitantes prejudica-o economicamente

Suzana Marto

Criar um Museu das Ciências da Universidade de Coimbra onde seriam integrados todos os museus da universidade – esta é uma das soluções que poderá vir a ser adoptada para resolver a situação dos museus que se debatem com problemas de falta de público. Entre estes está o Museu de Física.

Uma das responsáveis por este espaço, Ermelinda Antunes, explica que concentrar deste modo os museus num só sítio atrairia mais visitantes e beneficiaria os museus menos conhecidos.

Num primeiro tempo, o Museu de Física será transferido para o departamento de Química para permitir a reestruturação do actual sítio de exposição. Assim, o edifício Pombalinho será remodelado e utilizado por inteiro pelos museus. Mas para isso acontecer os departamentos existentes nestes sítios têm que ser transferidos, o que não vai ser feito a curto prazo.

O Museu de Física na sua abertura ao público, em 1997, acolhia os visitantes da parte da tarde, já que o acesso a este

é feito através de uma passagem por um anfiteatro onde decorriam aulas de manhã. Mas passado algum tempo, a abertura permanente tornou-se insustentável por causa da pouca afluência de visitas. Manter três monitores em actividade diária era incompatível do ponto de vista económico. Actualmente, a descoberta deste espaço faz-se por marcação e a maioria dos visitantes vem de escolas ou em grupos.

A coleção exposta foi reunida por Mário Silva em 1936. Mas nessa altura o museu não cumpría as suas funções. O público não tinha acesso ao espaço e as peças não eram estudadas, tratadas, ou preservadas. Assim, quase ninguém sabia da existência da exposição e as visitas eram raras.

O Museu de Física é composto por duas salas, sendo que a sala Anabela expõe exclusivamente instrumentos do século XVIII. Estes objectos são peças únicas que pertenciam ao departamento de Física desde a sua fundação em 1772 e que foram recuperadas com a abertura do museu. Esta coleção é uma das mais completas da Europa. Foram recuperados perto de 550 instrumentos, dos quais cerca de 200 estão expostos. A outra sala apresenta o material de física do século XIX. Ao contrário da sala Anabela, que pouco mudou desde a criação do museu, a segunda sala acompanhou a evolução da Física no último século através da aquisição de vários objectos. No entanto, visto a quantidade

enorme de inovações, são escolhidos para expor os elementos mais característicos. Um dos últimos objectos adquiridos foi uma ampola de raios X.

O museu está instalado no edifício Pombalinho e é dirigido por Maria Helena Caldeira. Mas não é uma identidade independente: faz parte do Departamento de Física da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Aliás a sala de reservas e a oficina de restauração estão instaladas neste departamento. São os docentes que se dedicam ao funcionamento do museu, como é o caso de Ermelinda Antunes que faz, por exemplo, os inventários.

A docente diz que "era bom que o museu tivesse mais lugar para uma sala de exposições

temporais e temáticas", um espaço climatizado com condições óptimas de humidade e de luz.

Para conseguir uma afluência maior do público, o museu lança iniciativas. No início de cada ano lectivo, o museu envia panfletos para as escolas das suas actividades destinadas às crianças, como é exemplo o "lanterna mágica" acompanhada pela narração da história de Newton. Já para o público em geral, Ermelinda Antunes afirma que "o museu por si só não é apelativo" e portanto, para atrair as pessoas, "é preciso inventar" actividades. Os visitantes do museu são maioritariamente crianças, sendo o Verão a época de maior afluência de adultos.

14 DESPORTO

OAF tem que pagar impostos até ao próximo mês

Dirigente do clube afirma que a situação está controlada

A menos de dois meses do início da próxima época, o dirigente José Eduardo Simões e o técnico João Carlos Pereira mostram-se confiantes. Contudo, constrangimentos monetários limitam o reforço do plantel

**Ana Bela Ferreira
Diana do Mar**

O Organismo Autónomo de Futebol (OAF) da Associação Académica de Coimbra está em risco de não poder inscrever jogadores para a próxima época, caso não seja regularizada a situação fiscal, até ao dia 7 do próximo mês. Contudo, o vice-presidente interino José Eduardo Simões não se revela preocupado no que diz respeito a esta questão: "Está tudo sob controlo: a dívida à segurança social está completamente liquidada e o dinheiro necessário para pagar ao fisco está a ser angariado para que tudo seja pago a tempo e a horas". Quanto aos problemas gerados por esta situação, refere que não tem notado nada, embora já se verifique oposição relativamente a este caso: "Não tenho nenhuma nota disso", afirma. Acredita que não há uma oposição credível, mas apenas pessoas que têm uma "grande capacidade de crítica e de inveja". E concretiza: "Para criticarem aparecem, mas para resolver os problemas e ajudar a Académica desaparecem logo!"

Assim, os problemas gerados dentro do grupo conduziram à possibilidade de realização de eleições antecipadas

padas que ainda não ocorreram "por respeito a João Moreno", que está hospitalizado. Todavia, caso "alguma tragédia aconteça", José Eduardo Simões diz estar preparado para mostrar o seu trabalho e a sua capacidade em conduzir o clube, e, como tal, apresentar-se ao sufrágio dos sócios.

Quanto à demissão do presidente do Conselho Fiscal, Américo Santos, o vice-presidente interino sustenta que a encarou com naturalidade, pois "uma coisa é o parecer do Conselho Fiscal, outra é haver dinheiro e outra ainda é resolver os problemas do clube". José Eduardo Simões desvaloriza as críticas que põem em causa a inscrição do clube na Superliga na temporada 2004/05, porque mesmo que as dívidas não sejam liquidadas até 7 de Julho o clube pode-se inscrever, só não pode adquirir jogadores nessa altura.

Em relação a possíveis contratações e às expectativas para a próxima época, refere que "o clube só falará à medida que as coisas aconteçam, perante factos consumados". E, dadas as dificuldades do grupo, o substituto de João Moreno afirma que "só entrará para o plantel quem representar de facto uma mais valia evidente".

Próxima época: "Já está tudo mais que preparado"

Apesar de não querer falar sobre a possível contratação de alguns jogadores, o treinador João Carlos Pereira adiantou ao Jornal Universitário de Coimbra que a digressão para prospecção de novos reforços correu bem: "O trabalho foi essencialmente de percepção e avaliação e nessa perspectiva foi muito bom".

Desde a manutenção que o clube tem tudo definido em termos de planificação para a próxima época. O mais importante para o treinador é o facto de ambicionarem criar uma



JONAS BATISTA

Organismo Autónomo de Futebol vive períodos conturbados

equipa mais competitiva, reforçar com alguma qualidade o plantel de forma a criar mais opções e geri-lo sem muitas oscilações na tabela classificativa, para que a "equipa encontre alguma estabilidade". Não obstante, o treinador explica que "haverá sempre constrangimentos em termos de contratações", visto que é preciso ter em conta as possibilidades do clube.

Como objectivo principal, o técnico

traçou a manutenção aliada a um aumento da notoriedade do grupo na Superliga. Quando questionado em relação à instabilidade vivida em torno da direcção, João Carlos Pereira considera ser necessário colocar-se um pouco de parte. O treinador diz acreditar nas pessoas que estão à frente do clube, nos académicos em geral e mostra-se confiante: "De uma forma ou de outra, o futuro da Académica vai estar sempre assegurado".

Gestão do estádio decidida amanhã

A Académica pode ficar responsável pela gestão do Estádio Cidade de Coimbra, em conjunto com a TBZ, empresa responsável pelo marketing do OAF

Nuno Braga

O modelo de gestão do recinto municipal esteve em discussão durante algum tempo, e foi aprovado por maioria, no passado dia 14, na Câmara Municipal de Coimbra. A

deliberação terá agora de ser ratificada na Assembleia Municipal, que se reunirá amanhã.

A concessão terá a duração de dez anos e irá envolver uma verba anual de cerca de 2,6 milhões de euros destinados à manutenção do espaço.

Se a proposta for aprovada, o Organismo Autónomo de Futebol da Associação Académica de Coimbra pode, já a partir de 1 de Julho, planear a época de 2004/2005 englobando o novo estádio nos seus planos. Este facto vai permitir o aumento das receitas, nomeadamente quanto ao bingo, às quotizações, aos patrocínios e à concessão do merchandising, afirma o vice-presidente interino. Assim, a me-

lhoria das infra-estruturas é um dos aspectos que o clube está a considerar.

Em declarações ao "Diário As Beiras", o vice-presidente interino da Académica, José Eduardo Simões, acredita que, "ao contrário do que sucedeu noutros municípios, esta proposta é equilibrada, prudente e parcimoniosa". Se a proposta for aprovada, os "estudantes" terão a oportunidade de organizar a sua época de uma forma mais estável, mas, vai ter que mostrar que é "capaz de assumir-se como grande clube, não apenas da cidade e da região, mas de todo o país", refere José Eduardo Simões. Também será um estímulo para os atletas, técni-

cos e funcionários, já que as condições de trabalho serão as ideais para um bom desempenho.

O chefe do departamento de futebol da Académica, Vasco Gervásio, demonstrou o seu contentamento com a aprovação do projecto para o novo estádio pela câmara. Ainda em declarações ao "Diário As Beiras", adiantou que este projecto dá à Briosca uma maior "estabilidade financeira e garantias de uma boa infra-estrutura a explorar".

A aprovação do modelo de gestão será menos um problema na cabeça dos dirigentes, que poderão concentrar-se mais na construção da academia, cujos trabalhos têm sido atrasados devido à falta de verbas.

Orabolas!

António Gil Leitão

Opinião

Do defeso e outras estórias

"2004 poderá ser lembrado no futuro, entre outras coisas, como o ano em que o futebol não parou.

O "defeso" é altura do ano futebolístico entre campeonatos. Quer dizer: é o momento em que o futebol vai de férias, não há competições oficiais e para "matar o vício" os jornais, rádios ou televisões injectam-nos uma dose diária de informações/especulações sobre contratações magníficas que os clubes portugueses vão efectuar.

Acontece, porém, que este ano há Europeu, a seguir começam os Jogos Olímpicos (onde também está uma seleção portuguesa de futebol). Por essa altura já os clubes estão a iniciar a época, pelo que 2004 poderá ser lembrado no futuro, entre outras coisas, como o ano em que o futebol não parou.

Talvez seja por isso que não têm sido divulgadas notícias sobre contratações na "briosa". E poucas sejam as efectivamente efectuadas até esta altura.

É evidente que este ano não pode ser cometido o mesmo erro do ano anterior. Os planteis este ano só podem ter 25 jogadores e o dinheiro não abunda na Académica. Por isso os responsáveis têm dito que as contratações obedecem a três requisitos: poucos, baratos e de qualidade. Dito desta forma, quem pode discordar? O problema poderá ser encontrar essas "aves raras"...

De qualquer forma, começa a ser inquestionável o desconforto que se sente na cidade por causa da construção do plantel e do dia a dia na "briosa".

Criticá-se a actuação da direção, já há quem fale em eleições antecipadas, enfim, este "defeso" na Académica faz lembrar outros. Com resultados desportivos posteriores nada positivos, lembre-se.

Mas... O que dizer da estabilidade a todo o custo? Ou da resposta do presidente-interino? Recusar eleições antecipadas porque se tem uma dívida de gratidão com o actual presidente?

Entendamo-nos. O problema não está no presidente. A sua dedicação, apego e trabalho pelo clube já tem décadas. Todos reconhecem a sua importância histórica no clube.

Mas se existem problemas internos no clube, se existem críticas à gestão do clube, o que o presidente interino não deve fazer é dizer que gostaria muito de enfrentar os opositores em eleições, mas neste momento não o pode fazer..

E depois das declarações do presidente interino creio que não lhe restará outra alternativa que não seja evitar eleições antecipadas a qualquer custo. Mesmo que seja com a sua saída.

Centro de Artes Visuais põe os visitantes “EM JOGO”

O futebol dentro e fora das quatro linhas em fotografia, vídeo, desenho e escultura

Tendo como pretexto o Euro 2004, a nova exposição do CAV propõe uma reflexão sobre o processo de futebolização do país

Bruno Vicente

“EM JOGO” é a mais recente exposição apresentada pelo Centro de Artes Visuais/Encontros de Fotografia (CAV), em Coimbra, e tem como tema central um dos fenômenos mais significativos da cultura contemporânea: o futebol.

O objectivo da mostra é “construir uma imagem do futebol diferente, mais rica e diversificada da que é habitual”, afirma Miguel Amado que, em conjunto com Albano Silva Pereira, forma o comissariado da mostra. Para atingir esse fim, Miguel Amado conta com trinta artistas, ora da nova geração portuguesa, ora figuras de primeiro plano ou em ascensão a nível mundial. O facto de o certame ser formado por trinta criadores de vários pontos do mundo faz com que sejam reveladas diversas atitudes e perspectivas sobre o “desporto-rei”.

Assim, é possível uma aproximação ao mundo do futebol, dentro e fora do relvado, onde o visitante é levado a assistir a contextos vários, entre diferentes sexos, raças e nacionalidades, numa abordagem que abrange múltiplas perspectivas éticas e estéticas no universo futebolístico, através de um olhar inovador.

Mas desengane-se o visitante que espera apenas encontrar fotografias



“EM JOGO” mostra o futebol a partir de vários pontos de vista, através de uma abordagem “mais rica e diversificada”

referentes ao próprio jogo de futebol, dentro das quatro linhas. É que para além de nesta exposição ser possível vislumbrar vídeos e passar pelo desenho e pela escultura, há também toda uma temática futebolística que apostava não só no espetáculo dentro do campo, mas antes no mundo do futebol em geral.

De facto, existe uma relação diversificada entre as obras de arte e o espectador, sendo que algumas possuem um conteúdo crítico ou detêm uma dimensão celebrativa, enquanto outras exploram propriedades formais ou suscitam a reflexão. Com a possibilidade de abordagens tão distintas, os tópicos tratados são vastos: o rosto

dos ídolos, a imponência dos estádios, o movimento dos jogadores em campo, a lógica de competição, a manipulação do corpo do atleta, o comportamento ritualizado dos adeptos, a construção de identidades individuais e colectivas, a componente iconográfica de elementos como a bola, a baliza e o equipamento.

Entre o passado e o presente

Devido à visão promenorizada do criador, cada obra de arte corresponde a uma história. Crispin Jones, por exemplo, analisa um episódio da II Guerra Mundial protagonizado pelo capitão do exército britânico W.P. Nevill. Este distribuiu uma bola a cada

um dos seus quatro batalhões, prometendo recompensar o primeiro que a lançasse sobre as trincheiras nazis durante a primeira vaga do assalto que decorria perto de Montaubon, em França. Um desses exemplares foi fotografado e é exposto junto a uma descrição testemunhal: “À medida que a metralhadora se silenciava vi um soldado da infantaria saltar para cima da barreira, dirigindo-se para a terra de ninguém e acenando para que os outros o seguissem. Ao fazê-lo chutou a bola; com um pontapé, esta subiu e atravessou as linhas alemãs. Este parece ser o sinal para atacar”.

Através destas histórias e dos diferentes pontos de vista dos artistas, Mi-

quel Amado não considera que o certame seja apenas dirigido a elites culturais, referindo “a possibilidade de cruzar públicos diferentes nesta mesma exposição”. A mensagem que se pretende passar ao visitante é que “por um lado, o futebol e o ano de Euro 2004 em Portugal podem ser um assunto tão digno de ser integrado numa exposição de artes plásticas como outro qualquer e, por outro lado, ser um cartão de visita para o CAV e para Coimbra, destinado a um público que não esteja habituado a este espaço e a contactar com a arte contemporânea”.

Pretendendo abranger uma audiência vasta, Miguel Amado é exemplo do espírito de confiança que se vive dentro da organização: “Nós estamos todos muito confiantes no sucesso desta exposição, creio que vai ser um momento marcante, não só na história do CAV, mas também na história das exposições em Coimbra e no panorama nacional”. Apesar de a realização do Euro 2004 em Portugal constituir o pretexto para a realização deste projeto, que abrange o universo futebolístico, a exposição vai continuar após o evento desportivo, até 19 de Setembro.

Contudo, “EM JOGO” não se limita à exposição, e é também um livro. O investimento efectuado pelo CAV, neste volume, procura lutar contra a ausência de reflexão existente em torno deste tema. Na ausência de um corpo teórico estabelecido, o livro reproduz as obras expostas no museu e procura igualmente incluir “alguns ensaios que façam uma análise do fenômeno e o paralelismo entre o futebol e a arte, de modo a contribuir para o enriquecimento da literatura científica e da literatura estética sobre futebol”.

Uma alegoria de Moçambique

Timbila Muzimba e Júlio Pereira juntam em Coimbra a força e a energia das sonoridades africanas com a fragilidade das cordas mediterrânicas. Um espectáculo sempre ao som do corpo

João Vasco

Na próxima segunda-feira, o Teatro Académico de Gil Vicente recebe a visita do grupo moçambicano que mais furor tem feito nos últimos tempos. Chamam-se Timbila Muzimba e reconstruem sons africanos ancestrais a que se junta uma gramática musical contemporânea. Um concerto que vai contar com a participação especial do português Júlio Pereira

que, nos últimos tempos, tem acompanhado a formação, contribuindo para a criação de um autêntico caldeirão de sons.

Impulsionados pelo Teatro Acert de Tondela, os Timbila Muzimba estão em digressão em Portugal há cerca de um mês para darem a conhecer o novo e único disco produzido até ao momento – “Por Conta Própria” – gravado no final de 2003, também em terras lusas.

Este é o primeiro trabalho de um grupo de jovens músicos e bailarinos, oriundos do Bairro do Jardim, nos arredores de Maputo, que se constituiu corria o ano de 1997. Inspirada nos xilofones (“timbila”, em crioulo), a formação foi à procura dos ritmos, canções, danças e técnicas de construção e execução moçambicanas e a partir daí criou uma imagem de energia e modernidade aliada à tradição. Energia e modernidade essas que são conferidas aos espectáculos dos Timbila Muzimba pelos movimentos frenéticos do próprio corpo (“muzimba”). Assim se explica o nome de um grupo que se pauta por uma estreita ligação entre o

“kusinha” (dançar) e o “kuveta” (tocar).

Constituídos por dez elementos, os Timbila Muzimba têm encantado as plateias por onde têm passado e têm despertado a atenção de músicos consagrados. Primeiro, foi o caso do trompetista sul-africano Hugh Masekela, que acabou por realizar espectáculos com o grupo. Agora, é a vez de Júlio Pereira se juntar aos novos meninos bonitos de Maputo. O músico português, que se celebrou a tocar cavaquinho, interage com os Timbila Muzimba através do bazouki (instrumento muito usado na música folk europeia).

Esta é uma colaboração que surgiu da vontade do próprio Júlio Pereira em se juntar a um grupo que o entusiasmou. Tsetse, um dos portavozes dos Timbila Muzimba, diz que Júlio Pereira “era já uma referência. Sabíamos que ele era um músico multifacetado e que se interessava muito por ritmos africanos. Achámos muito interessante a ideia de trabalharmos juntos porque esses encontros enriquecem a nossa bagagem rítmica”, explica. E, desta forma,

após o interesse mútuo demonstrado, nasceu a participação de Júlio Pereira e do bazouki nas performances dos Timbila Muzimba.

Um cruzamento de sonoridades que confere aos espectáculos do grupo um carácter verdadeiramente multicultural e universal, sem nunca se perder de vista Moçambique. Tsetse diz que esta é “uma alegoria de Moçambique, uma apresentação ao mundo dos contributos que os nossos ritmos podem dar. Nós queremos fazer uma fusão, de modo a que haja menos esse conceito de que a música africana é inferior. A música africana pode juntar-se a outros estilos, sem perder a sua força, a sua identidade”. Intentos que têm sido levados a cabo por uma formação que junta os sons diferentes das timbila, do djambé ou do bazouki, num conjunto de espectáculos que passou por quase todas as cidades que receberam o Euro 2004 e que é dado a conhecer agora à cidade dos estudantes. Os próximos capítulos em Portugal estão agendados até ao mês de Setembro.

ARTES

FEITAS

Vê-se...



Joel e Ethan Coen

“The Ladykillers”

com Tom Hanks, Greg Grunberg, Irma P. Hall

5/10

O equívoco dos Coen

Uma pacata povoação da Carolina do Sul, Estados Unidos da América, atravessada pelo mítico rio Mississippi, terra do blues, do gospel e do mais fanático evangelismo. Uma senhora de idade, viúva aposentada, presença incontornável na igreja aos domingos e feriados, com um quarto para alugar. Um pretendente professor católico, em ano sabático, que aluga o quarto e comece a utilizar a obscura cave da casa, com o necessário consentimento da senhora de idade, para os bem intencionados ensaios da sua banda musical. Uma banda musical constituída por vilões e malfeiteiros que, na verdade, não sabem tocar qualquer instrumento, escolhidos a dedo, pelas suas notáveis capacidades em vilipendiar o alheio, pelo líder espiritual do grupo, o professor que alugou o quarto e que serve de intermediário directo com a senhora de idade, dona da casa, algo desconfiada com os ruídos estranhos que começam a soar a partir da cave. Um melindroso plano, algo fantasioso, quase ingênuo, de uma forma proposta, para assaltar os cofres recheados do casino da cidade, um barco ambulante, escavando um túnel a partir da cave onde a banda, supostamente, estaria todo o dia em ensaios. E um outro barco, espécie de cargueiro, que todas as noites, sem falta, aconteça o que acontecer, passa por debaixo da ponte para ir depositar lixo e entulho numa pequena ilha, utilizada como aterro, em pleno rio Mississippi, local de rendição.

O mais recente filme dos profícios irmãos Coen, “The Ladykillers”, é um remake do original homônimo de 1955, escrito por William Rose e realizado por Alexander Mackendrick. Uma divertida e desprestensiosa comédia, em tom negro e sarcástico, com o cunho pessoal de Joel e Ethan Coen, explorando como sempre os grandes símbolos culturais da América profunda. A linguagem, o típico sotaque do Sul, a música blues, o gospel pleno de energia, a intensa religiosidade, o dogmatismo, a moral, a eterna distinção entre o Bem e o Mal. Elementos representativos de uma cultura única e inimitável.

Esteticamente interessante, visualmente estimulante, o problema do filme é a história, algo insípida, algo despegada, narrada de uma forma pouco energética, pouco fluente. Existem algumas boas ideias, é um facto, mas não se conseguem ligar entre si, faltando uma espécie de fio condutor. Fragmentos de algum brilhantismo que não compõem um todo. Nem nada que se pareça. Pelo que o resultado final acaba por ser francamente decepcionante. Sobretudo vindo de uma dupla extremamente criativa, responsável por excelentes filmes como “Barton Fink” (1991), “Fargo” (1996), “The Big Lebowski” (1998) ou “O Brother, Where Art Thou?” (2000). Pelo que este “The Ladykillers” não pode deixar de ser considerado uma obra menor, tanto na carreira dos irmãos Coen como na de Tom Hanks, principal protagonista. Um filme condenado a um rápido esquecimento. Uma espécie de equívoco. **Gustavo Sampaio**

Em negativo...



Pedro Tochas
Cómico

Um actor: Jim Carrey
Uma actriz: Sigourney Weaver
Um filme: “The Thing”, de John Carpenter
Um modelo de cómico: Buster Keaton. Bem mais físico do que Chaplin
Um filme português: “Uma Vida Normal”, de Joaquim Leitão. Simples e engraçado
Um filme que tivesses gostado de fazer: Sei lá... centenas deles

Navega-se...

Um Blog para Blogs

Nick Denton começou por escrever sobre a Internet para o Financial Times e é, neste momento, presidente de um grupo de publicação online chamado Gawker Media. Esta empresa produz três blogs bastante conhecidos que são o Gawker, Gizmodo e Fleshbot. Um dos mais recentes projectos onde se encontra envolvido é o Kinja. O Kinja é um portal de blogs, com a particularidade de sermos nós a escolher os blogs que queremos que apareçam. Claro que já existem vários temas pré seleccionados pelos editores, no caso de querermos conhecer novos blogs ou para quem conhece poucos. Os temas existentes variam entre a política e o sexo, chegando à ciência, comida e filmes. Apesar de estar numa fase beta já demonstra o potencial que tem. Apesar de não suportar muito bem os caracteres português como o ‘ç’ ou os acentos nas palavras. O funcionamento é bastante simples. Basta inscrever, validar o acesso através do correio electrónico enviado pelo Kinja, preencher até cinco blogs que já visitamos regularmente e depois é só navegar pelas entradas que são recolhidas pelo Kinja.

<http://www.kinja.com>

Nerve

A Nerve começou como uma revista online sobre cultura e sexo e foi das poucas sobreviventes ao rebentamento da “bolha da Internet” (quando as bolsas descobriram que afinal a Internet não era uma mina de ouro). De uma revista online passou para um mini império multimédia. Mas o objecto de interesse aqui é o sítio na Internet. O sítio abre numa página com ligação para as várias secções que constituem a revista no topo. Logo a seguir tem a foto do dia, a secção de destaque do dia e publicidade a anúncios pessoais. Os cabeçalhos das notícias são acompanhados nos lados de muita publicidade e um ou outro destaque do sítio, o que por vezes torna complicado a distinção entre a publicidade e os conteúdos.

<http://www.nerve.com>

kinja (about) [Read the rest](#)

THE WASHINGTON MONTHLY — **EMBARRASSING...** 1/18
A ATRUE it appears that the White House is furious over the interview that Carol Coleman did with George Bush on Irish TV Friday night. In fact, they're so furious about the fact that Coleman dared to follow up with critical questions that they've withdrawn a planned interview with Laura Bush.
3 hours ago | [Read the rest](#)

CHENEY & CUSSING 1/18
NRC THE CORNER ON NATIONAL REVIEW ONLINE — **[Rick Brookhiser]** There are two ways to respond to extreme provocation. 1. John Randolph of Roanoke's apocryphal response to an insinuation that he was not manly (Randolph's voice never broke, and he never shaved): "You pride yourself on a faculty in which your slave is your equal, and your ass is your superior."
Yesterday 11:36 PM | [Read the rest](#)

Blogs

“Kinja”

<http://www.kinja.com>

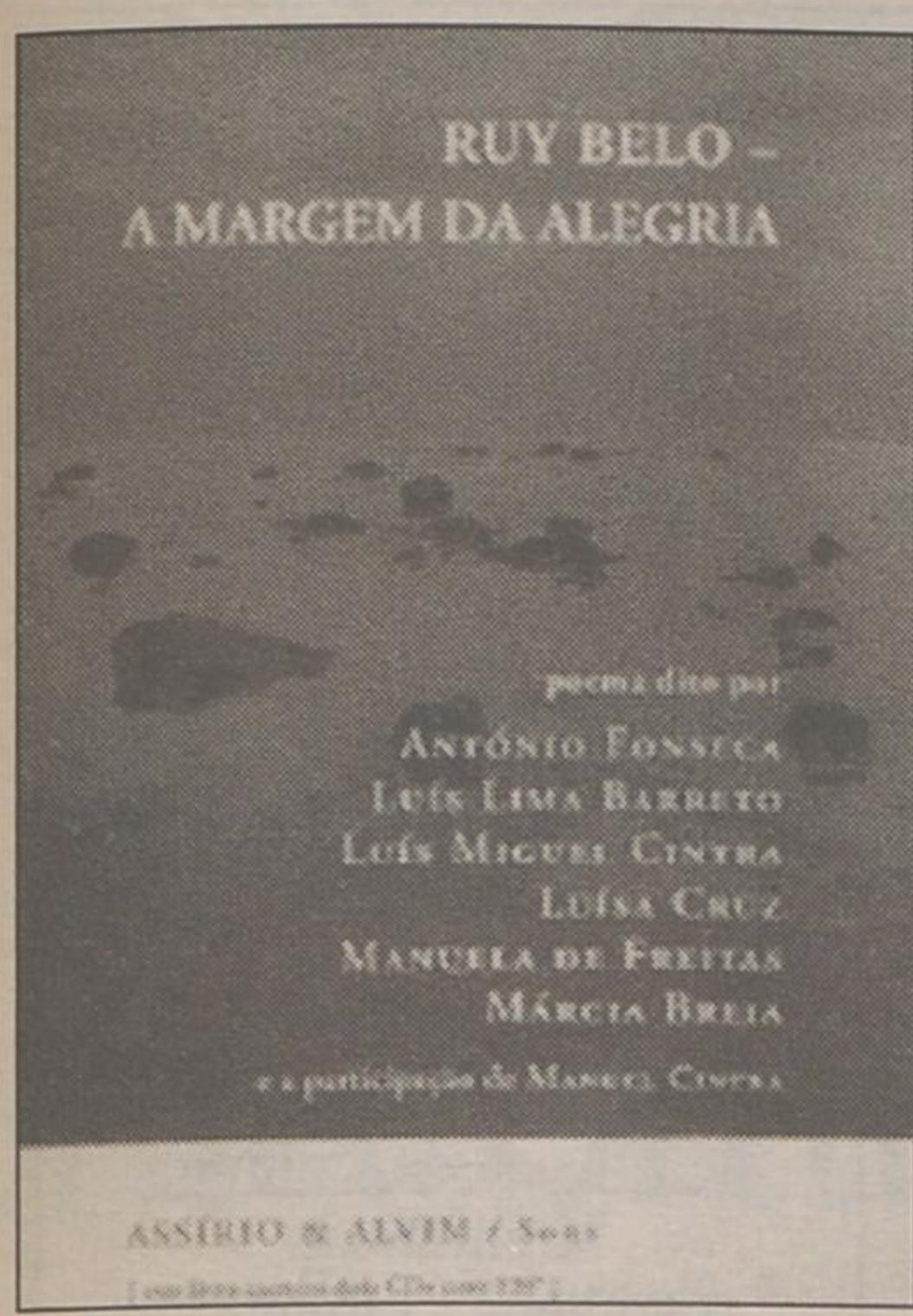
Palavras

Para quem tem de escrever muito a companhia de um dicionário de sinônimos é indispensável. Este sítio na Internet é apenas em inglês, mas tendo em conta que é a língua universal nunca é demais ter toda a ajuda para poder escrever na língua de Shakespeare. A grande novidade apresentada por este dicionário é o facto de apresentar o resultado de uma maneira visualmente inovadora. O resultado de uma pesquisa é mostrado no monitor através de uma relação entre a palavra pesquisada e as outras definições ou palavras relacionadas com essa. A partir destas ligações pode-se navegar entre as palavras. Isto tudo feito de uma forma visualmente agradável. Infelizmente este sítio não é totalmente gratuito e depois de um determinado número de pesquisas somos convidados a fazer uma assinatura anual que fica em cerca de um dólar por mês.

<http://www.visualthesaurus.com>

Nuno Curado

Lê-se...



Ruy Belo
“A Margem da Alegria”
Assirio & Alvim, 2003

10/10

A Ruy, O Belo

Se comentar ou sugerir um romance (ou até mesmo um ensaio!) é uma tarefa pesada e sempre aquém, mais difícil o é quando falamos de poesia. Pior: de um poema. Ou melhor: pior quando se quer dizer de um poema de um poeta como Ruy Belo. Mais do que nunca, não digo - aproprio.

“A Margem da Alegria” é um poema escrito por Ruy Belo no ano de 1973 - cinco anos antes de morrer - e levado ao palco pelo Teatro da Cornucópia em 1996. É este poema escrito e dito que constitui o todo deste magnífico trabalho, que inclui dois cd's.

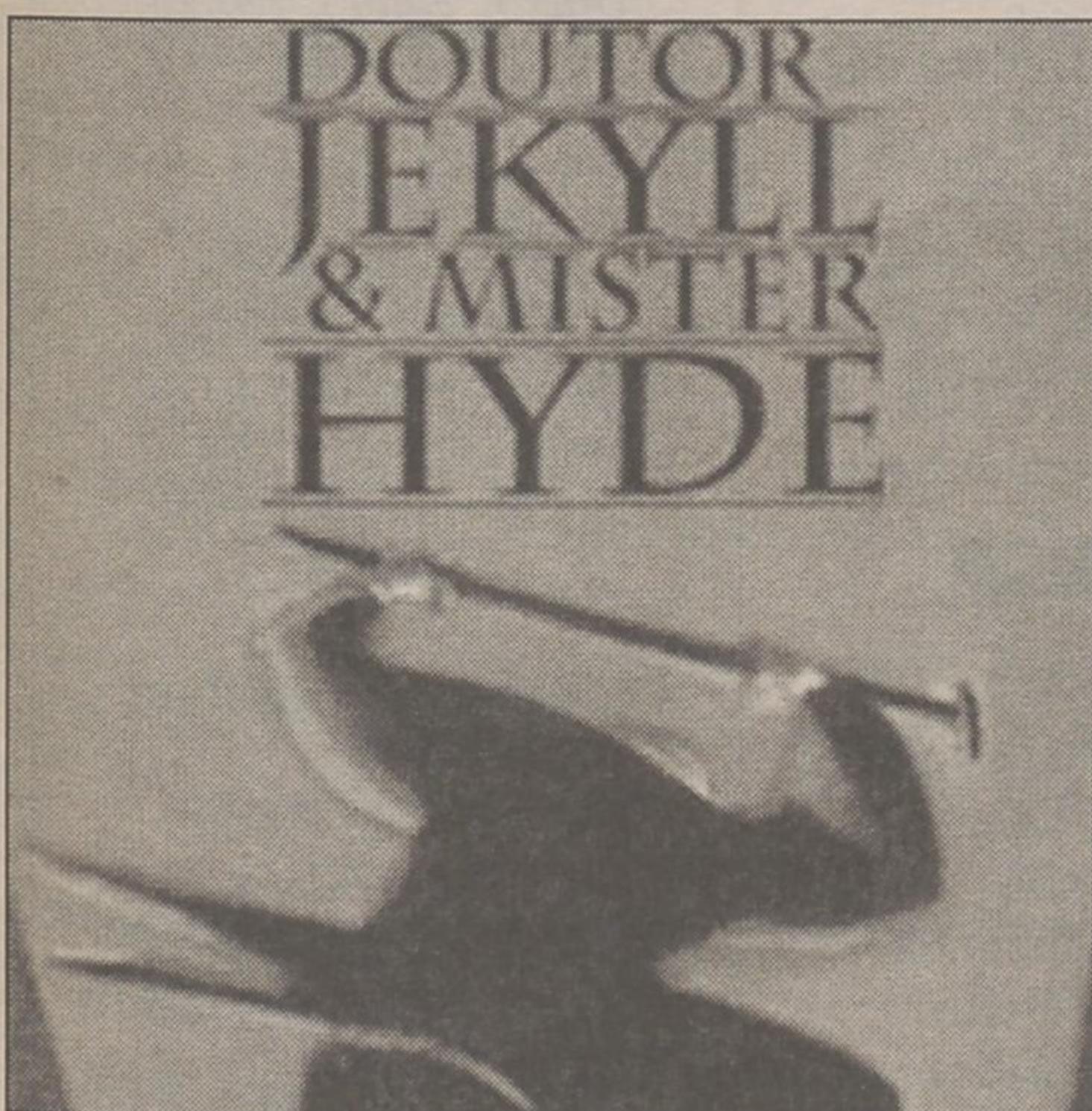
Com a sua voz inesgotavelmente bela, que parece ter sido criada para ler Ruy Belo, Luís Miguel Cintra presenteia-nos, pela segunda vez (depois do cd “Poemas de Ruy Belo”), com a poesia de um dos nossos poetas mais incríveis, esquecido tantas vezes, 25 anos depois da sua morte.

O poema fala-nos do mundo quando éramos felizes, “quando o mínimo gesto era um gesto criador / e as coisas começavam e o mundo sempre em simples sons se descobria / quando ninguém ainda se movia na periferia da necessidade ou da conveniência”, “quando à volta havia o nevoeiro e era cheiro o nevoeiro / e eram as vozes um pouco mais baixas os sons mais audíveis / tudo bastante mais interior a tudo”. Do mundo no princípio do mundo, ou melhor, “trata-se de Inês e de Pedro / ou Pedro tratará talvez mais uma vez de Inês”. Desse amor que se transfigura na própria imagem do amor, misto de lenda e mágoa na nossa memória. Ruy Belo diz-nos o amor e a história de Pedro e Inês. Pedro e Inês, um pretexto para falar de amor e de morte. Ao mesmo tempo, na e à margem da alegria.

Como comecei por dizer, é sempre penosa a tarefa de tentar dizer de um poema, surgindo qualquer citação como membro desmembrado de um corpo de que não se tem uma imagem completa. Este é, porém, uma obra que não podia deixar de mencionar, não só pela grandeza da poesia de Ruy Belo, mas, sobretudo, pela homenagem renovada de alguns que não o deixam morrer de nós, aqui perpetuado - na efemeridade da voz - na voz de Luís Miguel Cintra, António Fonseca, Luís Lima Barreto, Luísa Cruz, Manuela de Freitas, Márcia Breia e Manuel Cintra.

“Talvez um dia eu volte lá dessa cidade / somente minha e de mais ninguém / A vida era a mágoa para mim que só pedia / a beleza contida num pequeno copo de água / Ninguém profundamente me conhece / nem talvez isso interesse a alguém / e aos íntimos menos que a ninguém”. Andreia Ferreira

Desenha-se...



Lorenzo Mattotti e Jerry Kramsky
“Dr Jekyll & Mr Hyde”
Witloof/Devir, 2002

9/10

O expressionismo na bd

Mattotti alia-se ao seu já antigo colaborador Kramsky para nos trazerem uma interpretação muito pessoal do clássico de Robert L. Stevenson.

Lorenzo Mattotti tenta sempre, para cada argumento, encontrar um traço e um ambiente adequado; para esta obra, o autor inspirou-se no expressionismo alemão dos anos 20/30, mais propriamente na pintura de Berlim marcada pelos horrores da primeira guerra mundial, cujas obras mais conhecidas são as de Max Beckman, George Grosz e Giorgio de Chirico. É de notar, por exemplo, a semelhança do Mr Hyde de Mattotti, com uma cabeça deformada e sem pESCOço, com as figuras capitalistas representadas nas telas de Grosz.

No livro, Dr Jekyll encontra-se obcecado com a ideia de que o ser humano não é uma, mas sim duas entidades distintas que no entanto estão sempre associadas. Numa tentativa de dissociá-las, Dr

Jekyll cria uma poção que irá separar a sua personalidade em duas, fazendo surgir assim a figura do odioso Mr Hyde. Com esta transformação, a arte de Mattotti torna-se ainda mais expressiva, fazendo lembrar o estilo tardio de Francis Bacon. Dr Jekyll afirma a certa altura que “se o homem pudesse encarnar em duas entidades distintas, a vida tornar-se-ia bem mais suportável” o que, contudo, não se verifica uma vez que Mr Hyde torna-se cada vez mais uma realidade, até mesmo mais do que Dr Jekyll, que vai sendo consumido física e psicologicamente pelo seu alter-ego. Dr Jekyll & Mr Hyde é, no geral, uma obra cativante não só pela genial adaptação e condensação da obra de Robert L. Stevenson, por parte do argumentista Kramsky, como também, e sobretudo, pela brilhante arte de Mattotti, que com esta obra se consagrou como um dos maiores autores contemporâneos da bd italiana. José Miguel Pereira

Ouve-se...



PJ Harvey
“Uh Huh Her”
Island, 2004

8/10

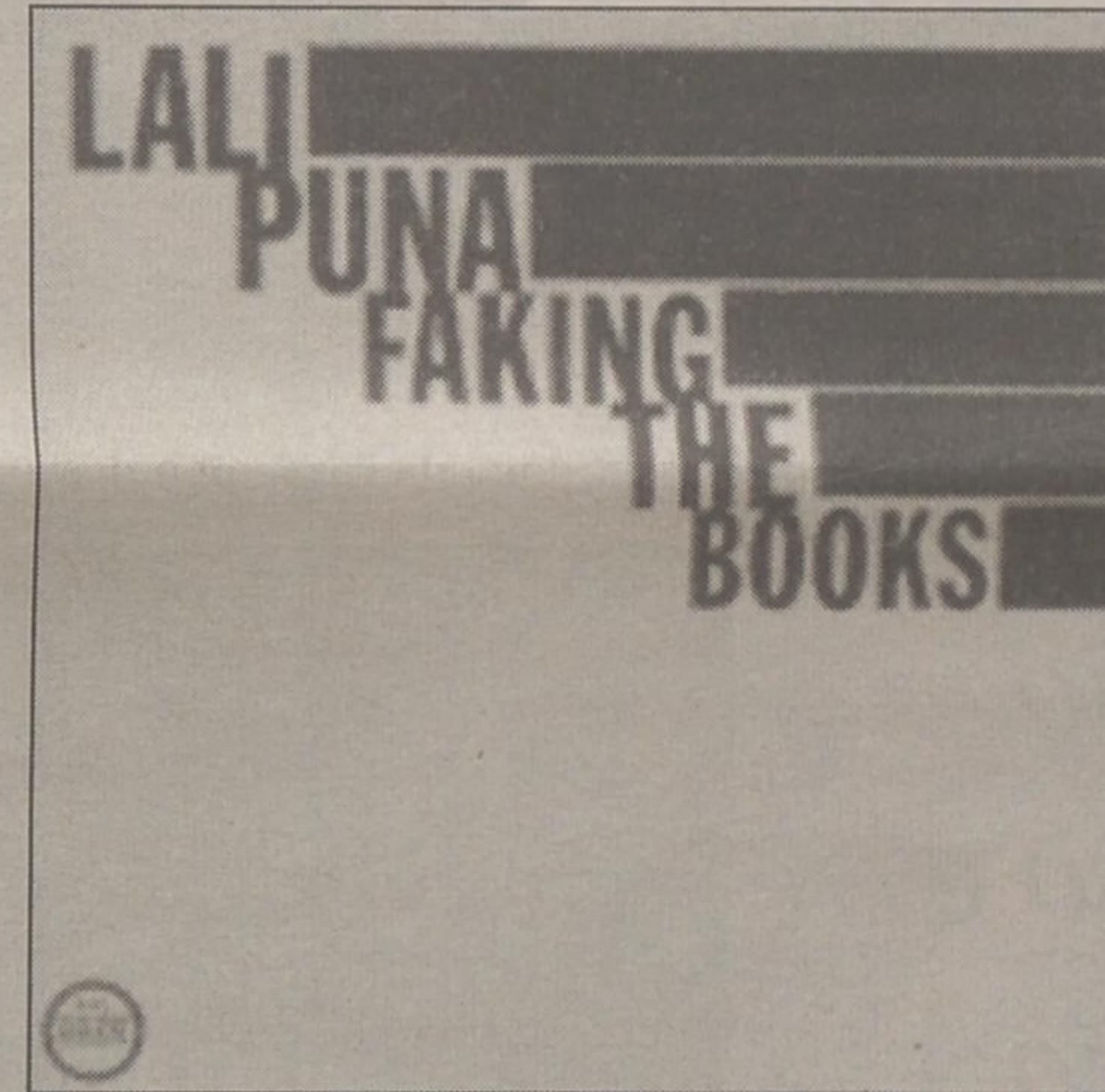
Harvey revisitada

“Deixem-me contar-vos o resumo da minha história”. Eis as palavras - secretamente dispostas por debaixo da rodelha de “Uh Huh Her” - que, intencionalmente ou não, explicam a obra que PJ Harvey nos apresenta cerca de quatro anos após a edição de “Stories from the City, Stories from the Sea”. O sexto álbum de originais de Harvey é uma espécie de síntese do percurso e das várias peles que a artista britânica foi traçando e vestindo ao longo dos últimos doze anos.

As fotografias do booklet - auto-retratos desde os tempos de “Dry” (1992) à era “Uh Huh Her” - confirmam-no. Aos olhos e ouvidos, surge-nos Polly a fotografar a sua própria história, como uma actriz que revê, sentada frente ao ecrã, os papéis que desempenhou. Ao fundo, vislumbram-se pedaços de uma nova história.

De “4 Track Demos” (1993), “Uh Huh Her” segue o método: neste álbum, PJ toca e regista todos os instrumentos, à exceção das percussões, ensaiadas pelo seu amigo de longa data Rob Ellis.

Do primordial “Rid Of Me” (1993), ecoa a força blues de “The life & death of Mr. Badmouth” e o punk sem fôlego e a voz aparentemente zangada de “Who The Fuck”. A leveza pop de “Shame”, por sua vez, fez-nos recuar à era “Stories...”, como “Slow drug”, “It’s You” ou “You come through” à fase “Is This Desire”. O single, “The Letter” (rock-de-cortar-a-respiração). Tiago Carvalho



Lali Puna
“Faking The Books”
Morr Music 2004

7/10

Sentimentos de um ocidental

L-a-l-i-p-u-n-a, por mais vezes que ouça o nome da banda ou o pronuncie paulatinamente, “com a língua a deslizar e a tocar no palato suavemente” (três vezes também), sorrio porque a música destes alemães é esse mesmo frágil equilíbrio, entre a podridão humana e as repercuções mundanas (e humanas) de vivermos num mundo canibalístico, melhor expressas nas letras de Valerie (vocalista, teclista e líder da banda), e a imortalidade e beleza dos mais puros sentimentos, aqui sob a forma de pequenos arranjos infantis e coloridos.

Depois do álbum “Scary World Theory” (2001), muito aplaudido pela crítica e bem recebido pelo público (deliciado com o movimento electro-acústico protagonizado por nomes como Dntel, Múm ou os também alemães The Notwist ou Console, projectos dos quais fazem parte Marcus Archer e Christoph Brandner, dois dos elementos dos Lali Puna), chegou-nos às mãos em 2003 o single “Left Handed”, também presente em “Faking The Books”, onde os Lali Puna pareciam decididos em apostar numa nova orientação, mais indie-rock, longe do ambiente intimista, feito de pequenas filigranas electrónicas, do anterior trabalho. Desta pequena experiência os Lali Puna guardaram para o seu novo registo alguns duros e caóticos acordes de guitarras e algum experimentalismo, que os aproxima do percurso dos Radiohead, particularmente da aventura “Amnesiac”.

“Faking The Books” abre mesmo com um pequeno sample, distorcido, de “Everything in its Right Place” que marca o tom geral do álbum - os sintetizadores esquizofrénicos, os teclados inebriantes e envolventes e a voz, sempre aquela voz, terna e ao mesmo tempo disponível para mergulhar no desespero humano; os temas esses vão desde o medo, à perda de dignidade, da deceção à inveja, sempre com um inimigo comum, nunca nomeado ou confessado, que nos obriga à derrota logo à partida- o mundo nunca será melhor: “We’ve been wrong before/ I’ll be true again/ But until then/ I fake the books/ ‘Cause everybody knows/ This ain’t heaven”.

Os Lali Puna exibem-nos um espelho cruel da realidade actual, encorajando-nos simultaneamente a resistir à verdade imposta às massas desinformadas por políticos corruptos e perigosos, que aceleram o curso final de uma democracia moribunda que procura novos heróis. É claro que podemos sempre tentar abstrair-nos da reflexão politizada e intelectualizada sobre este “brave new world” que atravessa o álbum da banda e trautear descontraidamente e alegramente cada uma das onze músicas deste capítulo final. Henrique Costa

18 AGENDA

Em palco...

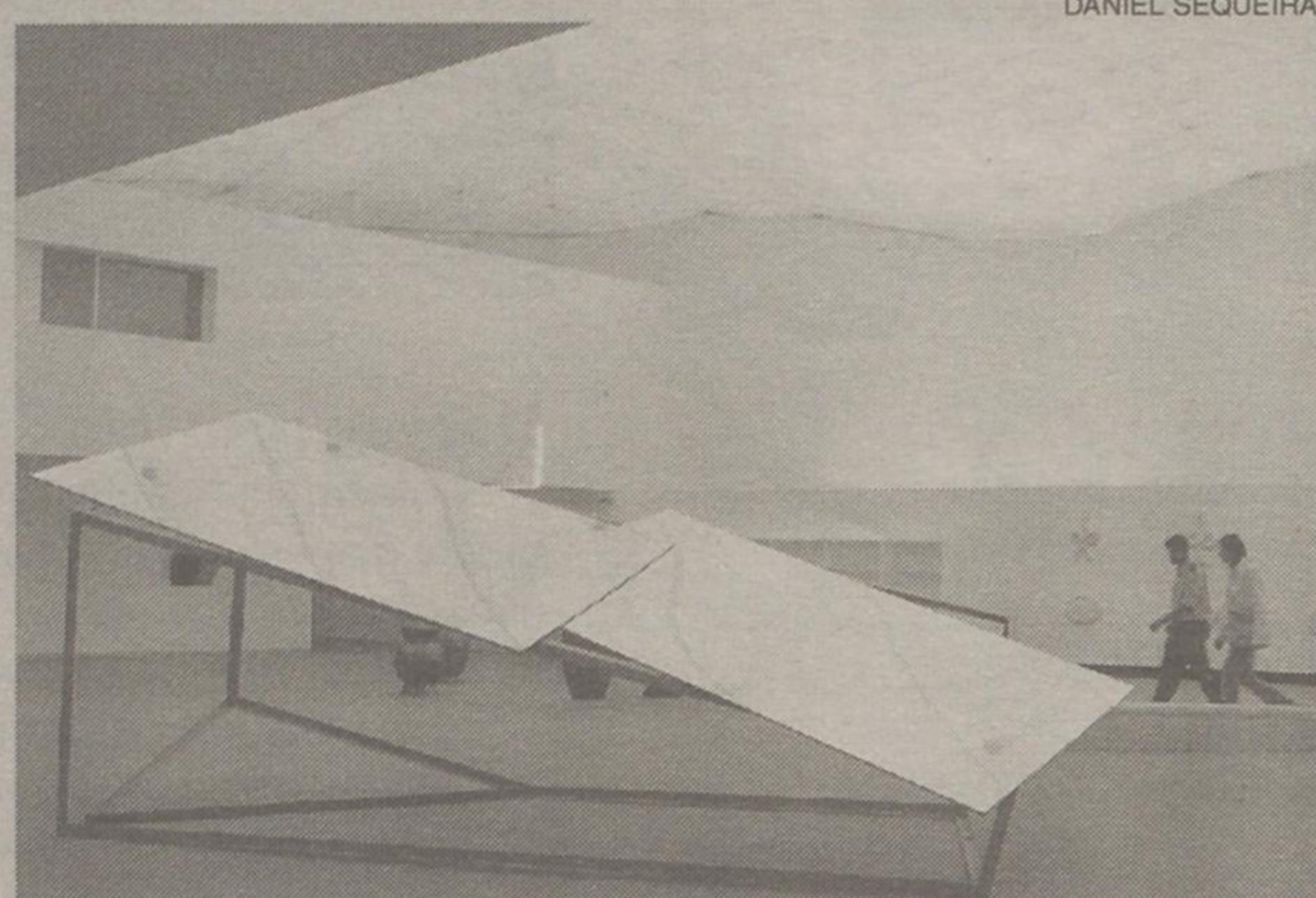
Singular envolvência

“Singularidades”

A Escultura na Coleção da Fundação de Serralves Pavilhão Centro de Portugal Terça a Sexta, das 10h às 19h Sábado e Domingo, das 15h às 20h

O nome assenta na perfeição. “Singularidades”, a exposição patente no Pavilhão Centro de Portugal, junto ao Mondego, é de facto singular. Primeiro, porque reúne trabalhos de diversos artistas da linguagem escultórica da década de 80 sem uma ligação aparente. Depois, porque o espaço onde foram inseridas as peças é também invulgar. Estão dispersas de forma curiosa no interior de um lugar onde o branco reina (para além das paredes, a magnífica cobertura do pavilhão permite ver as esculturas sob uma luz rara).

Há ainda a ausência total de um paradigma comum nas obras. Não existe uma ideologia subjacente ao objecto de arte. A liberdade criativa e reflexiva são a imagem de marca dos trabalhos de artistas como Rui Chafes, Juan Muñoz, Tony Cragg, Pedro Cabrita Reis, José Pedro Croft, Ana Jotta, Thomas



Uma exposição de contrastes à beira-rio

Schütte ou Haim Steinbach, entre outros.

Assim, sem fio condutor aparente, as esculturas são incapazes de transmitir uma mensagem clara. Do próprio todo, o que ressalta é a disposição bem conseguida dos objectos, a “singularidade” que dois espelhos sobrepostos no centro da exposição transmitem e a escultura de

Rui Sanches, escondida numa das extremidades, que abre diversas interpretações da figura humana.

Uma exposição “sui generis” que vale a visita pela conjugação do inesperado no interior do pavilhão e da paisagem bucólica que o envolve. “Singularidades” de uma beira-rio remodelada. **Crónica de João Vasco**

Outros rumos...

Parque Natural da Ria Formosa - Olhão

Diversão, Progresso e Reflexão

Durante cinco dias no Algarve, a “árdua” tarefa de encontrar a difícil resposta: Porque é que todo o mundo quer ir ao Algarve no Verão?

Não foi lá muito difícil. O Algarve visivelmente reúne factores essenciais para boa época de férias. Um deles é o factor humano, os algarvios, já acostumados a receberem muitos visitantes proporcionam um acolhimento simpático e aberto, além do ambiente, com belas praias e paisagens, e de muita gente diferente para se conhecer. Quando estes elementos se reúnem num só lugar, a probabilidade de passar ali bons momentos é grande.

Sim, férias para todos, mas... E depois? Quem por estes lugares passa nem sempre se apercebe do impacto que está a causar numa região, social e economicamente falando. Socialmente, pois o



Pessoas e olhares que cruzam o nosso caminho numa viagem

progresso turístico pode ser demasiado. Línguas estrangeiras em letreiros e placas de trânsito, contribuição para uma lenta perda de identidade. E a nível ecológico, pois um pedaço de papel ou uma lata de cerveja pode não ser uma catástrofe imediata, mas com o passar do tempo causará danos irreparáveis (o mais grave é que não estamos a falar de apenas uma lata de cerveja ao mar).

Para a questão ambiental, são criadas reservas ecológicas para promoverem uma consciencialização ambiental e a conservação destes lugares. Como é o

caso do Parque Natural da Ria Formosa, ponto de passagem de aves migratórias e berço de uma grande variedade de peixes e plantas locais.

A caminho da ilha de Armona, encontro mais uma vez as amigas suecas. Companheiras recém conhecidas, quase que inseparáveis que, no meio desta minha passagem pelo Algarve, me ajudaram, através da amizade e de seus olhares, perceber qual seria a minha próxima viagem, nestes outros e diferentes rumos que a vida nos presenteia. **Crónica de Cláudio Vaz**

A não perder...

Teatro

- TAGV -

Conversa de Mulheres
Um espetáculo de Bibi Pereiro e Luz da Câmara
Texto de Ana Cristina Oliveira
Quinta e Sexta

El Búfalo Americano
De David Mamet
Pelo Teatro Del Noctambulo (Espanha)
Dia 7 de Julho

A Paz de Aristófanes
Pelo Grupo de Teatro de Almada Amanhã

- Loja Consigo -
Cinderela
Sapatos de Cunha (Exposição de Maria do Carmo Cunha)
Queres ser Cinderela? (Projeção de Vídeo)
Pelo Prensa - Grupo de Teatro e Afins De Sexta Feira a 17 de Julho

Dia 8 de Julho
XII Festival Internacional de Música de Coimbra
“Contrastes: Ocidente - Oriente”
Machina Mundi
Dia 12 de Julho
Orquestra de Câmara de Coimbra
Dia 13 de Julho

Dança

- TAGV -

Apresentação Final das Escolas de Dança de Coimbra
Escola de Dança OAF Dia 9 de Julho

Escola de Ballet e Escola Dança Jazz do Centro Norton de Matos Dia 10 de Julho

Cinema

- Cinemas Avenida -
Cine-Teatro
Giras e Terríveis
De Mark Waters
Todos os dias - 14h00, 16h00, 18h00, 20h00, 22h00, 0h30

Estúdio 1
O Dia Depois de Amanhã De Roland Emmerich Todos os dias 14h15, 16h45, 19h15, 21h45, 0h15

Estúdio 2
O Quinteto da Morte + Destino De Joel e Ethan Coen Todos os dias - 14h30, 16h50, 19h10, 21h30, 24h00

- Cinemas Girassol -
Sala 1
A Filha do Patrão De David Zucker Todos os dias - 14h45, 17h00, 19h15, 21h45
Sala 2
O Dia Depois de Amanhã De Roland Emmerich Todos os dias - 14h30, 16h45, 19h00, 21h30

Exposições

- Centro de Artes Visuais/Encontro de Fotografias -
Em Jogo Até 19 de Setembro

- TAGV -
Eduardo Lourenço: Uma Cartografia Imaginária Até 30 de Julho

- Pavilhão Centro de Portugal -
Singularidades
A Escultura na Coleção Fundação de Serralves Até 29 de Agosto

Música

- TAGV -
Ópera de Câmara do Real Teatro de Queluz Amanhã Timbila Muzimba e Júlio Pereira Segunda-Feira Lhasa Apresentação do álbum “The Living Road”, editado em 2003

Secção de Jornalismo, Associação Académica de Coimbra, Rua Padre António Vieira, 3000 - Coimbra Tel. 239821554 Fax. 239821554

acabranet
Jornal Universitário de Coimbra

e-mail: cabra@aac.uc.pt

Droga é mais barata em Portugal



Portugal está na linha da frente da UE no que diz respeito ao baixo preço de estupefacientes

Portugal é o segundo país mais barato para comprar cocaína e cannabis

No passado dia 25 foi revelado, em vários países, o relatório anual da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre a droga. O documento revela que Portugal é o segundo país da União Europeia onde a cannabis, a cocaína e o ecstasy são vendidos a preços mais baixos. Uma grama de cocaína custava em 2003 uma média de 43 euros, um aumento médio de 13 euros em relação ao ano anterior. Já na Finlândia, uma grama desta droga é vendida a cerca 126 euros, o que faz deste país o local mais caro para o consumo. A Holanda, um ex-libris do livre consumo de drogas, surge como a mais barata, com um grama

desta substância a ser vendido por 41 euros, um preço muito próximo do praticado em Portugal.

Quanto à cannabis, os valores de 2002 em Portugal eram igualmente dos mais baixos da União Europeia, com preços de dois euros por grama, apenas ultrapassados pela Grécia (1,7 euros). Também no que respeita ao ecstasy, Portugal aparece no segundo lugar dos quinze da União, com uma pastilha a custar cinco euros em 2002, valor que ultrapassa apenas o praticado pela Holanda (três euros).

No documento, publicado na véspera do Dia Mundial Contra a Droga, que se assinalou no sábado, Portugal aparece como o país com a maior incidência de casos de sida entre os toxicódependentes de drogas injectáveis.

Mas têm surgido nos países da União Europeia tentativas de combate ao problema da droga. Recen-

temente foi desenvolvida, por uma empresa farmacêutica britânica, uma vacina que ajuda os dependentes de cocaína a perder a adição. A nova vacina não apaga a necessidade de consumir cocaína, mas impede os consumidores de experimentar a euforia proporcionada pela droga. A vacina funciona através de um sistema de colagem de uma molécula de proteína, maior do que a da droga. Isto estimula o sistema imunitário a produzir anticorpos que reconhecem o químico e impede a cocaína de circular através do sangue até ao cérebro, onde os efeitos do químico se fazem sentir, e onde se forma o vício. A empresa reconhece que há sempre a possibilidade de o indivíduo passar para outra droga, mas os três estudos levados a cabo até ao momento demonstraram que isso apenas acontece num pequeno número de casos.

Yumemi Kobo: Oficina de Sonhos

Escolher aquilo com que se sonha todas as noites já é uma realidade. Inovação japonesa permite controlo sobre devaneios nocturnos

A manipulação dos próprios sonhos é o objectivo de uma máquina criada pela empresa Japonesa Takara. Esta "oficina dos sonhos", Yumemi Kobo em Japonês, já se encontra no mercado há algum tempo mas ainda deve demorar a chegar a Portugal. Antes de dormir, os clientes devem olhar para uma foto e gravar um roteiro do que gostariam de so-

nhar na máquina. Durante o sono, o engenho utiliza gravações de voz com luzes, músicas e odores para conduzir as pessoas ao sonho idealizado. Isto passa-se durante o período do sono chamado Rapid Eye Movement, um dos mais propícios para isso. Para que não esqueçam dos seus sonhos, os clientes serão subtilmente acordados oito horas depois, com músicas e luzes leves. Este é o segredo da máquina, já que se os utilizadores acordassem assustados esqueceriam o que haviam sonhado. A empresa japonesa Takara também é responsável por outras invenções criativas, como os aparelhos que traduzem miados e latidos para a nossa linguagem.



Controlo dos sonhos tornou-se uma realidade

Catalunha mostra a sua fúria

O grupo catalão de teatro interactivo, La Fura del Baus, que revolucionou as artes do palco contemporâneas, leva à cena o espectáculo comemorativo do seu quarto de século

Há 25 anos, chegavam de carroça e mula aos lugares onde apresentavam os seus espetáculos. Agora, até 2007, o grupo viaja pelos quatro continentes a bordo de um barco, o "Naumon", dando a conhecer a "Tetralogia

Anfibio". O velho cargueiro, que os Fura transformaram num espaço cultural de intercâmbio e criação, iniciou a sua viagem em Barcelona, passou já por Lisboa e navega agora até à Figueira da Foz. Aí poderão ser vistos de 2 a 4 de Julho.

A cada ano corresponde um tema em que se incluem vários espetáculos. O ano de 2004 é o de "Mátria 1 - O jogo eterno", que vai percorrer portos e cidades do Mediterrâneo. Em 2005, seguindo viagem pelo Oceano Atlântico, os Fura dels Baus vão debruçar-se sobre o tema das "Migrações". Em 2006, irão inspirar-se na "Memória" e, por fim, no quarto ano de produções, e para concluir esta "Tetralogia anfibio", a companhia catalã constrói um novo espetáculo tendo por mote a "Di-

vindade".

A palavra não tem tanta importância nos espectáculos proporcionados pelo grupo, onde os efeitos especiais espectaculares e a interacção com o público são o mais relevante. O grupo usa efeitos sonoros e visuais, técnicas de pirotecnia e projecções em três dimensões, bem como o contacto corporal.

O porão do navio, com 300 metros quadrados e cinco metros de altura, simboliza o espaço onde decorrerá uma das acções do espetáculo, o Inferno. Subindo até ao convés chega-se a outro cenário, onde decorre a ação do Céu. O espetáculo é baseado na obra do filósofo e escritor Rafael Argullol, denominada precisamente "Tetralogia Anfibio", ainda não concluída. Tal como a obra, o pro-

jecto dos Fura dels Baus é um espetáculo em construção. O que se vê num dia não é necessariamente igual ao que se poderá ver do dia seguinte. O nome do grupo, em português "fúria do esgotado", nasceu de uma discussão entre os seus elementos, como estes gostam de contar. Um deles, farto de ouvir sugestões dos seus companheiros, terá gritado "fura" ("fúria"), ao que um outro contrapôs com "baus" (o nome de um local onde em pequenos todos iam brincar). Foi então que um quarto actor se lembrou do "dels" como elemento de ligação entre as duas palavras.

Os Fura dels Baus já estiveram em Portugal no ano passado, no Centro Cultural de Belém e no Coliseu do Porto, onde apresentaram a peça "XXX".

Redacção: Secção de Jornalismo,
Associação Académica de Coimbra,
Rua Padre António Vieira,
3000 Coimbra
Telf: 239 82 15 54 Fax: 239 82 15 54

e-mail: cabra@aac.uc.pt

Concepção/Produção:
Secção de Jornalismo da
Associação Académica de Coimbra

Mais informação disponível em:

acabranet
Jornal Universitário de Coimbra



IMAGETICA

Por Gustavo Sampaio (texto) e Jonas Batista (fotografia)

A mão direita, a mão direita estendida para o centro, em franca confluência com a variante oposta, perturbadora similitude, sob a fumegante dissimulação da cor; a mão direita, a mão direita pragmática, objectiva, directa, acérrima defensora dos seus próprios interesses, indelével corporativismo de vontades, de meios, de ações; a mão direita, a mão direita das privatizações, da valorização do capital em detrimento do trabalho, do estabelecimento da saúde, da educação e da segurança social como áreas de negócio privado, sob a linear filosofia do lucro, a caminho de uma anunciada destruição; a mão direita, a mão direita do espectro salarial alargado, desde os ordenados miseráveis aos ordenados milionários, um fosso cada vez mais fundo, abissal, verdadeiramente revoltante; a mão direita, a mão direita que prefere aplicar impostos pouco progressivos, so-

cialmente injustos, com percentagens iguais para todos, independentemente do valor absoluto dos proveitos; a mão direita, a mão direita dos privilegiados, e respectivos privilégios que é necessário assegurar a qualquer custo, nem que seja em detrimento desse anacronismo que representa actualmente a honestidade pessoal; a mão direita, a pútrida mão direita da moral, da piedade, do cristianismo, da esmolinha para o pobrezinho, coitadinho, que teve azar na vida e agora pouco há a fazer, e não fosse eu tão generoso e não conseguira, decerto, sobreviver, com a graça do espírito santo, e demais instituições espirituais sem fins lucrativos declarados; a mão direita, a mão direita que embala o berço, no qual adormecemos, conformados, resignados, estupidamente condescendentes, ciosos da sua misericórdia; amén.



Lusófonas mais perto do regresso

Início do próximo ano lectivo é a altura prevista para a secção voltar à actividade

Foi ontem entregue ao Conselho Fiscal da Associação Académica de Coimbra o texto final do regulamento interno da Secção de Culturas Lusófonas. De acordo com Bento Monteiro, membro da comissão para a reactivação desta secção, "as coisas devem ser feitas sem pressas e seguir os trâmites normais".

Depois de falhado o prazo inicial (que previa para Março a reactivação da secção), o processo eleitoral para a constituição da nova direcção deve ser feito "o mais tardar em Outubro". Bento Monteiro diz que o

atraso se deveu a "dificuldades ao nível de procedimentos".

Embora já estejam traçadas metas, não estão previstas actividades concretas, cujo planeamento e apresentação ficará a cargo da futura direcção. Para o próximo ano, os objectivos da Secção de Culturas Lusófonas passam pela integração dos estudantes africanos. Bento Monteiro realça que estes estão afastados de muitos assuntos do âmbito da academia. E aponta, como exemplo, o problema das propinas: "Muitos dos estudantes dependem de bolsas, mas não são sensíveis ao facto de a Universidade de Coimbra ter aprovado a propina máxima". Bento Monteiro aponta o dedo às várias direcções-gerais que "não têm tratado a questão da integração dos estudantes africanos".

Edifício da AAC sem segurança

Furtos recentes lançam preocupação sobre segurança do edifício

O administrador da Direcção-Geral da Associação Académica de Coimbra, Bruno Costa, diz que "o aumento de furtos não se deve ao segurança ter ido embora". O administrador diz que sempre houve casos de pequenos furtos no edifício.

A quebra do contrato com a empresa de segurança deveu-se à falta de verbas para sustentar um segurança, explicou Bruno Costa. Neste momento, o edifício da associação só tem um segurança ao fim-de-semana. Esta situação só se resolverá "se existir, a nível da casa, uma participação do conselho desportivo e cultural nesse tipo de despesas", aponta.

Já Luís Carlos, um dos porteiros, declara que "não é um porto que evita os assaltos: quem entra para roubar, salta as grades dos portões". A solução era "mais seguranças em pontos-chave do edifício", sugere.

Existe um controlo à entrada da associação, a partir de certas horas da noite: só entra quem tiver cartão de estudante. Este controlo não é inteiramente respeitado nas horas de maior afluência, pois seria complicado impedir a entrada para conferir o cartão.

Quanto aos furtos ocorridos nas secções, o porto refere que cada secção tem de tomar as suas precauções.

Em declarações ao número anterior d'A CABRA, Miguel Duarte já tinha assegurado que a instalação de câmaras de vigilância está fora de questão.

Estudantes dão apoio social

Margarida Matos

O Gabinete de Apoio ao Estudante (GAPE) da Associação Académica de Coimbra lançou a campanha "Vontades Voluntárias", que pretende promover o sentido de solidariedade junto dos estudantes e auxiliar instituições de apoio social de Coimbra.

Para a coordenadora-geral do GAPE, Patrícia Oliveira, o projecto "Vontades Voluntárias" atua como intermediário entre as várias instituições. A iniciativa vai centrar-se no apoio a crianças desfavorecidas, a deficientes, individuos sem-abrigo ou idosos.

A estudante defende "ser crucial alertar os estudantes para problemáticas como o facto de ainda existirem dois milhões de pobres em Portugal ou de 700 crianças serem abandonadas por ano". E continua, ao afirmar que, "muitas vezes, o voluntariado não é uma opção para os estudantes, porque muitos não sabem onde podem ter acesso a informação e exercer apoio social". Assim, frisa, esta iniciativa "é também uma forma de aproximar o estudante da universidade de Coimbra e da cidade".

Para se inscreverem, os voluntários podem dirigir-se à secretaria da direcção-geral, no segundo piso do edifício da associação académica, onde recebem mais informações sobre o projecto. Após uma entrevista, podem escoher uma das instituições colaboradoras.

"Vontades Voluntárias" conta com a colaboração de várias instituições, como a Associação Nacional de Apoio ao Idoso, a Casa de Formação Cristã da Rainha Santa e o Banco Alimentar Contra a Fome.



Verão como nunca se viu...

Na nova grelha da RUC, a partir do dia 12

